

3. Experimentação A – Projetos Interiores

Como formar leitores aptos a interferir em um mundo no qual são autores e atores? Como levar os designers a perceberem que os mitos culturais são sustentados em parte por eles? Como participar de um mundo cujas inovações tecnológicas começam a formar gerações com novos hábitos de leitura e novas formas de ler? Como atuar com responsabilidade?⁷

Neste capítulo pretendo descrever as dinâmicas presenciais e virtuais realizadas para os alunos de três turmas de Técnicas de Comunicação II (COM1251), disciplina obrigatória de quatro créditos semestrais, do terceiro período de Comunicação Social da PUC-Rio, durante o primeiro semestre de 2010.

A pesquisa-ação participante aconteceu em trinta encontros, duas vezes por semana, durante o semestre letivo. Cada encontro durou cerca de cem minutos presenciais e um imensurável número de minutos virtuais dedicados por todos os envolvidos na disciplina. Além do professor-participante e observador, vinte e nove aprendizes-participantes trabalharam na pesquisa: doze habilitados em jornalismo; dez habilitados em publicidade e sete habilitados em cinema.

Os encontros com as três turmas de habilitações mistas ocorreram todas as segundas e quartas-feiras úteis de cada semana, sempre às 13h, 15h e 17h. Moderado pelo pesquisador, o portal *professortexto.blog* foi utilizado como interface das mediações durante todo o curso. Depois de desenvolver um “mapa cognitivo” sobre os participantes, fundamentado em seus históricos universitários, suas performances e capacidades de articular conhecimentos, comecei a garimpar, na internet, assuntos referentes às suas habilitações, competências e habilidades reveladas durante suas participações presenciais e virtuais. Os temas postados foram multidisciplinares, participaram do desenho das aulas presenciais e estimularam a pesquisa sobre os conteúdos. Os exercícios em classe e os exercícios virtuais treinaram as possibilidades de tessitura verbal. Os comentários publicados exercitaram a consciência crítica, a argumentação e a leitura do mundo. Em média, foram cerca de cento e vinte postagens publicadas durante o semestre. E centenas de interações registradas nos comentários pelos

⁷FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre; COELHO, Luiz Antonio L. **Os lugares do design na leitura** – coletânea de textos. Ed. Novas Ideias, 2008.

participantes, volume que ultrapassou o mínimo exigido de dezoito comentários reflexivos por aluno.

3.1. Encontro zero: os bastidores

Proponho que o trabalho com pesquisa-ação tenha uma frase preliminar que será constituída pelo trabalho de inserção do pesquisador no grupo, de autoconhecimento do grupo em relação às suas expectativas, possibilidades e aos seus bloqueios. (...) A construção da dinâmica do coletivo tem uma ênfase grande no início da pesquisa, mas deve continuar em processo de melhoria e aprofundamento, até para depois da pesquisa terminada. (Franco, M.A.S., 2005)

Duas semanas antes do início das aulas, tenho acesso às pautas de presença de minhas três turmas de comunicação Social, via PUC-On Line, o portal eletrônico da instituição. Além dos respectivos números de matrícula e nomes completos, as pautas também mostram a fotografia de cada aluno matriculado na disciplina.

Começo, então, a investigar o histórico acadêmico de cada um: ano que iniciou o curso, números de créditos já conquistados, as habilitações pré-escolhidas (jornalismo/publicidade/cinema), disciplinas já cursadas, aprovações e reprovações, disciplinas que se inscreveram para o semestre, graus conquistados nos trabalhos/provas realizados e seus Coeficientes de Rendimento, mais conhecido por CR⁸.

É uma pesquisa trabalhosa e requer investimento de tempo não remunerado. Entretanto, é um levantamento de dados essencial para iniciar a construção de pontes de relacionamento com eles. São informações que me permitem estabelecer um mapa cognitivo das turmas, uma primeira leitura sobre as pessoas que vão trocar experiências comigo durante o semestre letivo.

Desde 2010.1, o PUC-On Line oferece mais uma ferramenta de interatividade no portal permitindo que os professores enviem mensagens de texto para todas as suas turmas sem identificar os meios (meio internet) pessoais dos remetentes. Assim, o professor preserva a identidade de sua caixa eletrônica de

⁸Média ponderada em crédito do grau de um aluno, avaliando seu rendimento global ao longo do curso. Deve ser maior que 7 para a graduação.

correio pessoal e as turmas podem ficar sempre atualizadas com informações inerentes à disciplina.

Aproveito a ferramenta para fazer o primeiro contato com os meus futuros alunos. Na véspera de nossa primeira aula, remeto uma carta de apresentação para os graduandos. Eles estão acostumados a receber mensagens eletrônicas. Mas quase sempre são surpreendidos com o tom de afeto que uso como enunciado de nossa relação. Funciona como uma estratégia de envolvimento, um “teaser” que desperta a curiosidade.

Mestre em Design, criador estratégico, redator, poeta, letrista, fotógrafo e professor da PUC-Rio. Meu nome é Luiz. Significa Luz. Meu sobrenome é Favilla. Significa faísca, fagulha, em italiano. Claro, tinha que ser botafoguense.

Sou um professor de texto. Não sou um professor de norma culta, nem de linguística. Sou um professor de leitura e criação de texto. Sou um tecelão. Vivo da tessitura das palavras, costurando frases e entrelaçando ideias que envolvam pessoas e transformem o mundo pela comunicação.

Palavras são teias, tramas de contextos quentes ou frios. Escrever é agir sobre o mundo, construindo e desconstruindo a vida, assumindo a autoria de sua história.

Sou carioca/Bem resolvido/Sou criativo/Bem humorado/Sou fraterno/De bem com a vida/Acredito no sorriso/Na amizade/Ainda tenho fé na humanidade/Sou Buziano/Sou Serrano/Trabalhador/Sou otimista/ Creio no amor/Sou realista/Não temo a morte/Ético e responsável/Sou profissional de sorte/Amável, sorridente e triste/Equilibrista/ Sou artista/ Todo dia é dia de show/Sou o que sou/Mas dentro de mim/ Mora um menino maluquinho/O Luizinho/Traquina, travesso, alegre/Que semeia amizade pelos caminhos.

Nossas aulas serão sobre isso tudo ou tudo isso. Vamos resgatar a criança que existe em todos nós e exercitar a criatividade com as palavras.

“Palavras não são de ninguém.
Pertencem a todo mundo.
Qualquer um pode usar, escrever qualquer coisa.
Basta enfileirar letras.
Combinar sílabas.
Montar verbos, adjetivos ou substantivos.
As palavras aceitam tudo.
Afirmam o que você quiser.
Negam o que você quiser.
Elogiam, criticam, mentem se você quiser.
Porque as palavras não têm princípios.
Por isso quem as usa precisa ter”. (W/Olivetto, 1979)

Vejo você no dia 5/03, quarta-feira, às 13h/15h/17h, na sala 614 k

Cuidem-se. Sempre. Muito.

www.professortexto.blogspot.com

Assino a mensagem e sinalizo um *link* para que o *professortexto.blog* também seja apresentado aos universitários. Quem acessa o blog depois de ler a carta de apresentação é recebido com uma postagem de boas-vindas dedicada para os novos alunos. Conforme o grifo a seguir, é possível constatar a repercussão positiva:

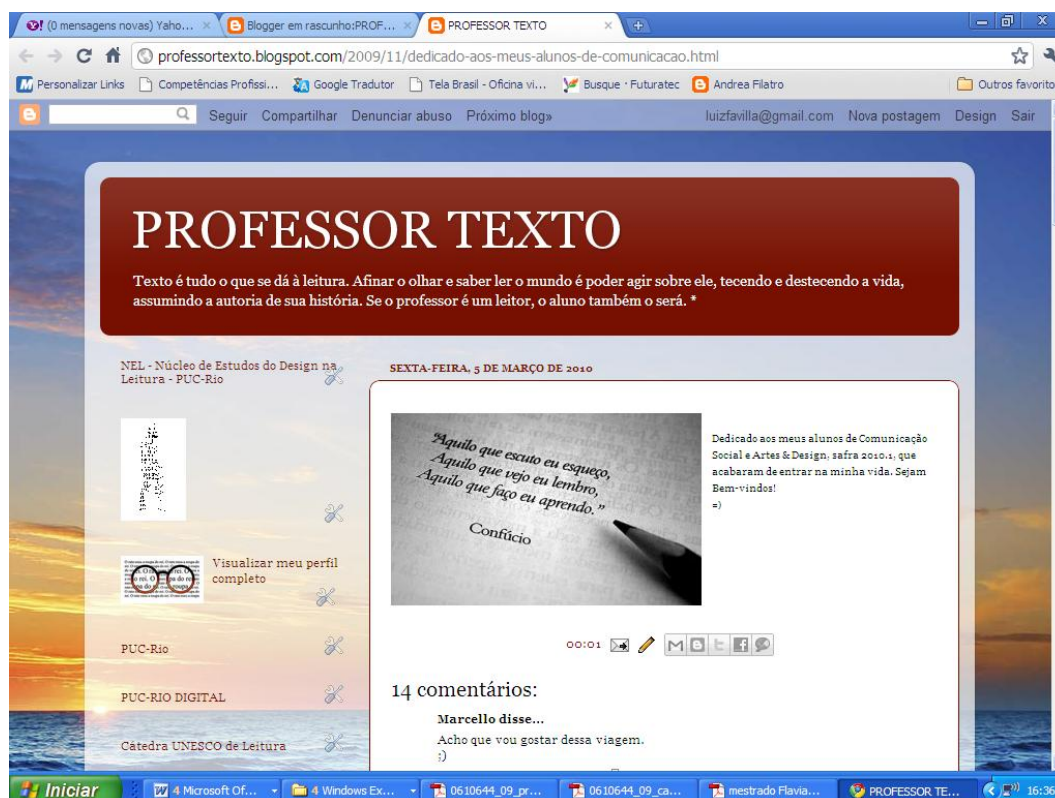


Figura 13: Reprodução da postagem e comentários referentes à aula zero.

Grifo dos comentários disponíveis em www.professortexto.blogspot.com

M disse:

Acho que vou gostar dessa viagem.
;)

R (13h) disse:

Tenho outra frase que também combina com esse novo período:
"Aprender sem pensar é tempo perdido." - Confúcio.
Estou ansiosa pelas nossas aulas!

B disse:

Confesso que adicionei essas frases a minha coleção. Genial.

R disse:

Luiz, to encantada com o blog, primeira vez que entro e pretendo acompanhá-lo por prazer e não obrigação. Com certeza o visual tem grande importância e ajuda a memória. É certo também de que só de aprende tentando, testando e se entregando. Bjs, até quarta!

A disse:

Adorei essas frases! E concordo, só consigo aprender de verdade alguma coisa quando a coloco em prática. Muito interessante o blog. Visitarei sempre! =) Beijos e obrigada pelas boas vindas!

J disse:

Vamos fazer muitas coisas nesse período, eu to sentindo isso!

F disse:

Oi Amigo,
Obrigado por nos dedicar algo tão especial. E de fato vamos aprender, você nos faz sentir co-participantes das aulas, estamos fazendo com você.
Obrigado

C disse:

Tirei a noite para ficar lendo o blog e estou adorando! Estou ansiosa para aprender com você :)

professor texto disse:

Pessoas: o blog é de todos nós. O objetivo maior é afinar o olhar e incentivar a leitura do mundo. Estou feliz por vcs estarem felizes. =)

O saber-fluxo, o saber-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva estão modificando profundamente os dados do problema da educação e da formação (...) O virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo. (Lévy,Pierre, 1999)

Os comentários são espontâneos. Retirei os sobrenomes apenas para preservar as identidades. Ainda não havia conhecido pessoalmente nenhum deles, mas a primeira ponte foi construída. Além da postagem de boas vindas, os alunos podiam ler, em média, dez postagens mais antigas na mesma tela, ou buscar outras anteriores. Na verdade, inicio uma programação de postagens com antecedência em função da análise obtida com o levantamento de dados sobre os estudantes. Desta forma, os novos leitores quando acessam o blog se identificam com informações que normalmente são do interesse de seus respectivos universos.

A reação é positiva, conforme demonstram as postagens. Os aprendizes interagem e comentam mesmo sem conhecer pessoalmente o professor.



Figura 14: Postagem publicada antes do início das aulas⁹.

No mundo (acadêmico ou não) há muita demarcação de território, de autoridades, e isso na base de muito jogo de cena. Como já disse anteriormente, o *blog* desvenda os desejos e as limitações do professor e aposta mais na autoria do que na autoridade. E, nessa transparência, mostra aos aprendizes a delícia de ser autor de si mesmo.

Eles aceitam o convite. O afeto como caminho ao saber, e o saber como insumo da autoria, do protagonismo. Afinal, não é para isso que a escola e a universidade existem? Acho que os verdadeiros mestres têm, necessariamente, esse entendimento iluminista dentro de si.

⁹Disponível em www.professortexto.blogspot.com

Encontro 1 – O primeiro olhar.

Espaço físico – laboratório de produção

O desejável é que o primeiro encontro fluísse com a naturalidade que só têm aqueles que já se encontraram cem vezes. Mas para isso é necessário transpor, construir esse primeiro e incontornável encontro. (Affonso Romano – tempo da delicadeza)



Figura 15: postagem referente à segunda aula

Desde que me conheço por aprendiz, o primeiro dia de aula sempre foi movido à ansiedade. São muitas as expectativas e muitos os medos criados por nossas inseguranças. Confesso que até hoje sinto um frio na barriga antes de entrar em sala e conhecer as pessoas que vão fazer parte de minha vida. Na verdade, levo vantagem porque já os conheço virtualmente. Será que eles fizeram alguma pesquisa sobre mim na internet? Nem sempre são curiosos como deveriam. Mas eu sopro até que seus olhares aprendam a voar.

Uma das vantagens do aprendiz manter um Coeficiente de Rendimento (CR) elevado é ter prioridade na escolha de disciplinas e professores. No caso de COM1251, conforme já relatei, somos cinco professores com turmas de quinze alunos cada, em três horários, às segundas e quartas-feiras.

Antes das NTDICs, o boca-a-boca da “Rádio Pilotis” da PUC-Rio influenciava as escolhas dos professores. Hoje, já existem, na rede social, páginas onde os universitários escrevem suas experiências a cada período letivo. Um verdadeiro *wikileaks* do corpo discente da PUC-Rio. Estes comentários favoráveis e desfavoráveis são expostos para quem faz parte do grupo. Há ainda a possibilidade de fazer uma pesquisa na internet para saber mais informações sobre os professores.

O primeiro encontro aconteceu numa quarta-feira, dia de laboratório do sexto andar K. Estou em sala de aula sempre com cinco/dez minutos de antecedência. Aliás, é um procedimento que faz parte de minha prática. A ideia é participar mesmo da balbúrdia dos intervalos e me colocar disponível antes da primeira conversa oficial sobre o curso. Deixei todos os computadores do laboratório conectados com a página inicial do *professortexto.blog*. Mas as telas foram desligadas. À medida que os alunos chegaram, confirmei pela pauta se realmente estavam na sala certa. Nos primeiros dias é normal perder-se no prédio do Departamento. Depois, ofereci um bombom de boas-vindas, “para adoçar a nossa relação”.

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra, apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 1997a:113)

Todos abriram sorrisos e aceitaram o carinho. A ponte bakhtiniana foi lançada. Este primeiro ritual durou em média 20 minutos. Em seguida, solicitei a atenção de todos e me apresentei formalmente; avisei que iniciariamos uma brincadeira para descontrair, mas, para isso, precisaria que todos fechassem os olhos, pousassem suas cabeças nos braços e se concentrassem em minha voz. Comuniquei que leria um texto do Mestre [Rubem Alves](#).

“A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. O educador diz: “Veja!”- e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria - que é a razão pela qual vivemos. Os olhos têm de ser educados para que nossa alegria aumente. Quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Para as crianças, tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Coisas que os eruditos não veem.

Na escola eu aprendi complicadas classificações botânicas, taxonomias, nomes latinos – mas esqueci. Nenhum professor jamais chamou a minha atenção para a beleza de uma árvore ou para o curioso das simetrias das folhas. Parece que, naquele tempo, as escolas estavam mais preocupadas em fazer com que os alunos decorassem palavras que com a realidade para a qual elas apontam. As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para “melhorar os olhos.”

Em seguida, liguei a tela principal da sala de aula e pedi que abrissem os olhos. Todos viram o seguinte mural fotográfico:

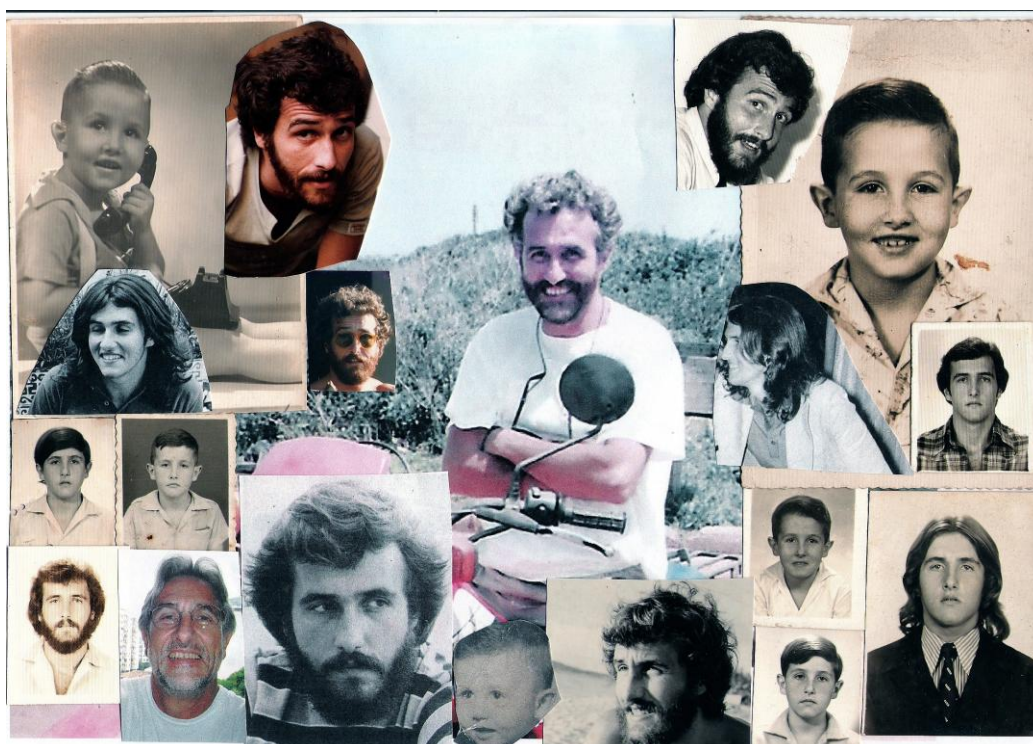


Figura 16: Mural fotográfico do pesquisador

Na sequência, solicitei que observassem atentamente as fotos e que começassem a contar a história da pessoa retratada baseada na leitura intuitiva e livre que faziam das imagens. O ato de observar é fundamental nos processos de pesquisa e de projeto (Couto, 2008). Manter o olhar focado nas minúcias ou nos conteúdos e processos é uma maneira de descobrir a informação que procuramos.

No Design, a observação aplica-se à obtenção de informações que ajude a compreender o problema que se deseja ver resolvido, conhecer o usuário do objeto ou sistema que se deseja projetar, avaliar o ambiente em que tal objeto ou sistema será utilizado, apreciar soluções dadas para questões análogas, entre outros objetivos. Projetar é propor uma estratégia para solucionar um problema. Observar é usar uma tática para coletar elementos que permitirão gerar hipótese de soluções para o problema. (Couto, R., pág. 43 in Coelho, L., 2008)

Todos rapidamente me identificaram. Os provoquei no sentido de ler o que as fotos diziam sobre mim. “O essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 1929). Fui fornecendo pistas e revelando aos poucos detalhes profissionais de minha carreira de comunicador social. Quando percebi que já possuíam uma leitura inicial suficiente, aproveitei para falar sobre a pesquisa-ação para o mestrado em Design que estava cursando. Eu também era aluno. Expliquei os procedimentos e minhas intenções como pesquisador e participante. Os vinte e nove estudantes concordaram em fazer parte integrante pesquisa inspirada na Educação através do Design (Fontoura 2002). E eu, daria conta da responsabilidade?

Como tornar familiar um ambiente tão novo, do qual, a princípio, o pesquisador não é um dos componentes? Como adentrar e lidar com as contradições iniciais, como percebê-las? Como fazer dos grupos ali presentes um grupo de trabalho? Como começar um trabalho de equalizar resistências e preconceitos? Como chegar ao clima de confiança e cumplicidade? (...) Como passar de pesquisador a participante, continuando a ser prioritariamente pesquisador; ou como passar de professor sujeito da pesquisa a pesquisador de seu fazer, mantendo-se prioritariamente no papel de professor? (Franco, 2005)

Depois, alinhavei um contraponto do assunto e passei a falar sobre eles. Sem revelar seus nomes, contei para a turma o que sabia sobre cada um, graças às pesquisas que realizei antecipadamente sobre eles.

Muitos acusaram o golpe com reações preocupadas. Afinal, são adolescentes e provavelmente escrevem sem censura e sem noção de como as palavras poderão ser usadas contra eles. É o mote que usei para falar um pouco

sobre a escolha das palavras, dos significados, da importância dos enunciados para que a comunicação aconteça. Sublinhei que cada um estava escrevendo o roteiro de sua vida, tecendo sua história. Caprichar no texto, é o mínimo que podiam fazer se desejassem ser comunicadores.

Depois, aproveitei que estávamos no laboratório de produção e solicitei que todos criassem um imeio (meio internet) profissional no provedor *ymail* (yahoo) onde poderiam acessar o grupo de discussão que produzo para as turmas a cada semestre. Dentro deste grupo virtual, sempre coloco arquivos e links do interesse das turmas para eles acessarem quando quiserem. Além disso, utilizo o grupo como mais um canal de comunicação extraclasse com os alunos.

Convidei cada um para fazer parte do grupo virtual e ensinei o procedimento para copiar os arquivos. “Regras do Jogo” foi o nome do primeiro arquivo postado para o grupo. Em seu conteúdo, os estudantes encontraram novas coordenadas sobre o curso, além do programa impresso que sempre é distribuído pelo Departamento de Comunicação Social no início do semestre letivo.

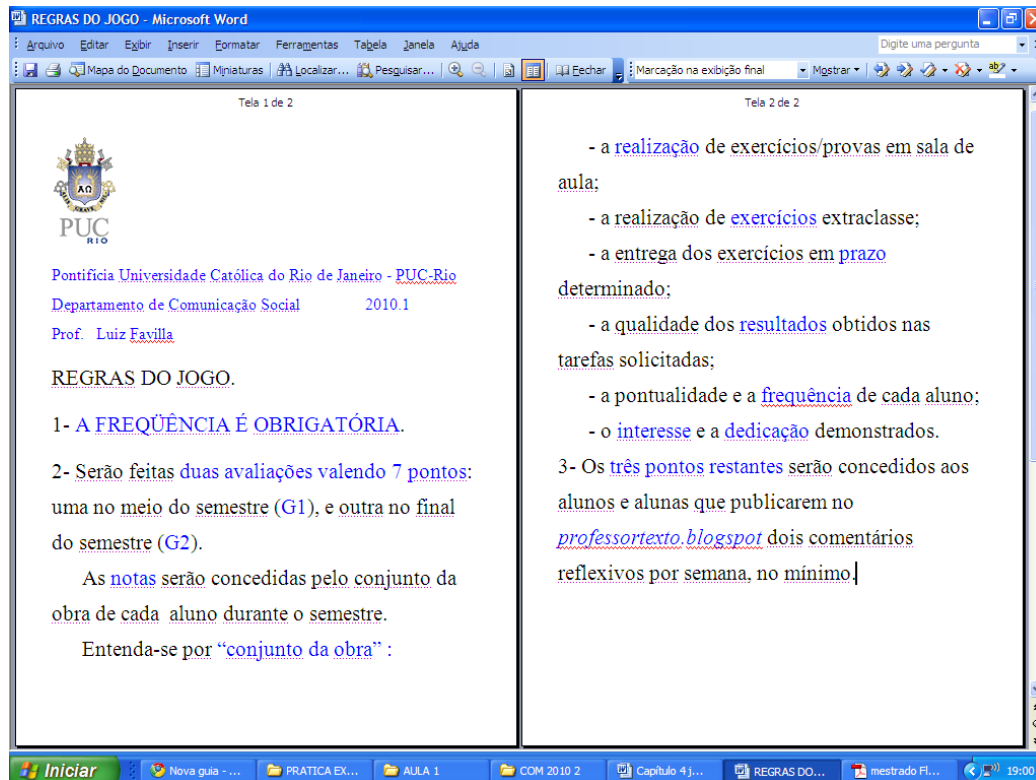


Figura 17: Regras do curso e critérios de avaliação

Após todos estes procedimentos, apresentei oficialmente o *professortexto.blog* como interface mediadora do curso. Eles acessaram o blog e foram recebidos por uma postagem de boas-vindas. Na mesma página, estavam visíveis outras postagens sobre alguns dos temas que seriam tratados em sala de aula. Uma das postagens era sobre o designer cognitivo como o *modus operandi* da disciplina, dentro da proposta inspirada por Levy (2001):

O ciberespaço suporta tecnologias que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). Estas tecnologias intelectuais favorecem (...) novas formas de acesso à informação (...) novos estilos de raciocínio e de conhecimento (...) O que é preciso aprender não pode ser mais planejado nem precisamente definido com antecedência. Neste contexto, o professor é incentivado a tornar-se um dinamizador da inteligência coletiva dos seus grupos de aprendizes em vez de um fornecedor direto de conhecimentos (Lévy, 2001: 158)



Figura 18: postagem referente à primeira aula

A ideia pareceu ter agradado. O primeiro encontro presencial repercutiu positivamente nos comentários.

Grifo dos comentários:

D Disse:

"O estudante não deve aprender pensamentos, deve aprender a pensar" - Não sei quem disse isso, mas tem dedo do Sócrates!

P Disse:

Tenho cá pra mim que essa "nova" (seria nova a palavra certa?) função do educador tende a ampliar muito mais o ensino efetivo dos alunos. Há novas formas e novos lugares para se aprender!

MW Disse:

Mas sim. As coisas mudaram. As coisas sempre mudam. E é importante que a gente não pare no tempo, principalmente os educadores!

ID Disse:

Esse texto só reforça minha visão de que o professor "dentro da caixinha" vai deixar de existir. O Brasil vive uma fase difícil na educação. Muitos alunos abandonam os estudos por vários motivos. A falta de preparo do professor é um desses. Portanto, acho muito interessante essa didática do professor designer cognitivo. É uma forma de tornar o estudo prazeroso e instigante. Pois não adianta nada tornar as aulas mais divertidas/atraentes, sem transformar o aluno num ser crítico.

G Disse:

"Designer cognitivo" remete apropriadamente ao método de ensino que tende a ser o de maior eficácia: a interação entre aluno e professor como um esforço comum para a formulação de reflexões e pensamentos. O professor, então, deve preparar o ambiente propício para que o aluno, por conta própria, consiga desenvolver raciocínios. É provável que aluno não consiga construir conhecimento sem a ajuda do professor, mas o importante a destacar é que o professor, por mais carismático que seja, não pode transmitir ideias sem que o aluno permita. Ou seja, o aluno precisa forçosamente querer aprender. Se o professor precisa ter clareza na transmissão de conteúdos, o aluno tem de saber ouvir. De modo análogo ao crescimento de uma árvore em que o jardineiro prepara o terreno fértil, mas quem empreende o desenvolvimento de fato é o metabolismo da planta, o professor fornece as etapas básicas para o aluno, sozinho, ter a oportunidade de compreender os fatos e construir conhecimentos. Ao designer cognitivo cabe provocar o pensamento dos alunos de modo que eles possam exercer todos os seus potenciais; suas vocações plenas. E nada parece ser mais eficiente que o desafio para impulsionar a inovação e a superação.

Professor texto Disse:

Repito: é sempre uma via de duas mãos. Ambas precisam estar motivadas a aprender e a ensinar aprendendo. A tecnologia é ponte, suporte, carece de sustentação. A gente só aprende quando não sabe. (E.Morin)

A partir de então, uma rede cognitiva começou a ser tecida com os textos e hipertextos publicados. Todas as postagens com link para permitir a continuidade de pesquisa sobre os assuntos colocados. Ramal (2001) considera que o hipertexto vem criar condições de possibilidade para tornar as salas de aula o

espaço de todas as falas, de redes de conhecimentos, da construção coletiva, da partilha das interpretações.

Encontro 2 - leitura do mundo.

Assim é se lhe parece. (Luigi Pirandello, 1917)

Espaço físico: sala de aula tradicional



Figura 19: postagem referente à segunda aula.

A segunda aula também é a primeira de muitos aprendizes que se atrasam por motivos diversos. Aliás, as primeiras duas ou três aulas do semestre são sempre confusas em função de um procedimento interno da PUC-Rio conhecido por “De-Para”. Um período onde os universitários da PUC-Rio ainda podem trocar de disciplinas, de horários e até de turmas se vagas existirem, em função de cancelamentos de matrículas ou trocas de disciplinas.

Aproveitei este período para praticar estratégias de envolvimento. Dinâmicas de grupo que facilitassem a interação, divertissem a turma e começassem a revelar características da personalidade dos sujeitos envolvidos (Abreu, 2006). Meu “arquivo confidencial” sobre os estudantes se enriqueceu bastante com a leitura que fiz das dinâmicas. Os alunos, nestes momentos, geralmente revelam capacidades de se comunicar e estabelecer relações.

O segundo encontro com a turma 2010.1 aconteceu na sala de aula tradicional. Como sempre, cheguei mais cedo. Mas, desta vez, resolvi subverter a arrumação do espaço. Passei a mesa do professor para o fundo da sala e inverti todas as carteiras para que os alunos ficassem de costas para o quadro-negro e a tela de projeção.

O tema escolhido foi “as maneiras de ler o mundo”. Freire nos falava de uma leitura do mundo anterior à leitura da palavra (1989, p.12). Galileu Galilei nos dizia que o livro da natureza é escrito com caracteres geométricos (1973, p.119). Affonso Romano de Sant’anna nos brindou com a frase “não é só quem lê um livro que lê” no poema *Ler O Mundo* (1980:..23).

A ideia foi mostrar como nossas intuições são deseducadas e padronizadas para que nosso olhar seja não reflexivo. Consegui surpreendê-los e gerar o estado de atenção. Recitei alguns grifos que fiz do poema “Ler o Mundo”, de Affonso Romano de Sant’anna, “muso inspirador” do *professortexto.blog*, enquanto retornamos os móveis da sala para as suas posições tradicionais: carteiras de frente para a tela.

Sobre a leitura do mundo, Farbiarz, J. (2010) acrescenta:

Affonso Romano de Sant’anna nos presenteou com a frase “não é só quem lê um livro que lê”. No poema *Ler o Mundo*, o escritor antecipa: “Tudo é leitura, tudo é decifração ou não. Depende de quem lê”. Nas palavras do escritor, o corpo é um texto, o jardim é um texto, ruas e avenidas são texto. Um desfile de carnaval, uma partida de futebol um espetáculo de dança; paredes de palácios, ruínas, estrelas, vísceras de animais, baralhos, copos d’água, búzios, aparelhos eletrônicos... tudo se dá a leitura. Depende de quem lê. (...) Nossa sala-de-aula é um texto. A universidade é um texto. O mercado é um texto. Leitores são texto. Nós somos texto. Quem habita estes espaços? Como participar de suas construções? Como formar leitores aptos a interferir em um mundo no qual são autores e atores. Como levar os indivíduos a perceberem que os mitos culturais são sustentados em parte

por eles? Como participar do mundo com responsabilidade? O livro se dá a leitura. O homem e o meio também. Tudo é leitura e tudo depende de quem lê. (p.11)

Quando a sala ficou reorganizada iniciei a exibição de uma série de vídeos que revelam como a nossa leitura do mundo é frequentemente equivocada. São filmes comerciais que usam a ideia do “parece, mas não é” para reforçar argumentos publicitários e educacionais.

Usei imagens como suporte em praticamente todas as minhas aulas. Sejam em filmes, ou em postagens que publiquei no *professortexto.blog* as imagens foram sempre protagonistas durante o curso. Talvez por serem de uma geração imagética, meus aprendizes possuam mais facilidade de leitura e compreensão pela imagem do que apenas pelo verbo. Segundo Coelho (2010), a imagem tem peculiaridades assim como a escrita alfabética, cujos sistemas de produção de sentido têm maior ganho neste ou naquele aspecto, dependendo da habilidade do autor de um e de outro, assim como do docente no momento do uso em sala de aula.

“Constata-se uma situação problemática em relação à utilização de imagens (...) Um caso comum é o cinema em classe. O problema se dá porque tendemos a dar mais peso à mensagem ou conteúdo em detrimento do potencial que tem o próprio meio e seu produto, no caso a imagem, enquanto emissão como resultado de uma construção (de linguagem visual). Tanto aspectos tecnológicos, lingüísticos, institucionais, quanto de fruição, como aqueles relativos à psicologia da percepção, têm seu papel na significação e, portanto, na educação. O jovem que é treinado a perceber e pensar a imagem, no âmbito do ensino formal, apenas por seu conteúdo (...) tende a distanciar-se do sentido crítico em relação a outros materiais com que opera diariamente, como é o caso da Internet, onde grande parte da informação é imagética. Se não foi iniciado em uma prática mais analítica em relação à imagem que vivencia em classe, muito dificilmente o fará fora dela.”(Coelho, L. p.2, 2010)

O primeiro filme que exibi desta série é parte de uma premiada campanha do departamento de trânsito de Londres que objetiva manter os motoristas atentos aos ciclistas. O filme inicia com dois grupos de quatro pessoas: um, com camisas brancas; outro, com camisas pretas. Cada grupo está com uma bola de basquete. Na tela, aparece um letreiro com a seguinte pergunta: quantos passes o time de camisas brancas vai trocar entre eles? E desafia o leitor a acertar. O jogo começa com ambas as equipes trocando passes e dificultando a contagem dos expectadores. A ideia foi demonstrar que não conseguimos, às vezes, perceber o que acontece em nossa frente. A maioria dos alunos acertou o número de passes

da equipe branca. Mas ninguém percebeu quando o urso dançarino atravessa todo o cenário enquanto os jogadores trocam passes.

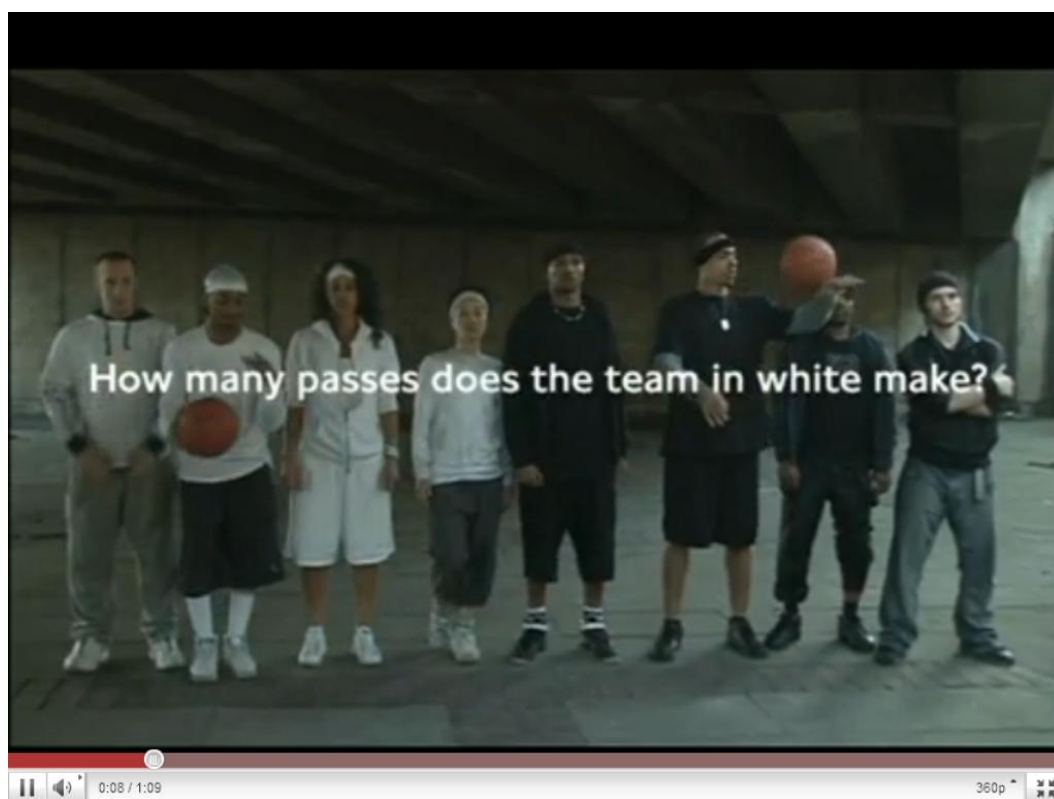


Figura 20: Cena do comercial da Ameriquest¹⁰.

O comercial tem um minuto, mas todos pediram para assistir duas ou três vezes devido à enorme surpresa com a “aparição do ator vestido de urso”.

Outra sequência de comerciais que explicam com muito humor como os nossos olhos frequentemente são enganados por nós mesmos é a campanha da Ameriquest, empresa do ramo de financiamentos nos Estados Unidos.

¹⁰ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yqphP8pyomY>



Figura 21: Cena do comercial da Ameriquist¹¹

Estas duas campanhas são apenas exemplos da estratégia utilizada. Exibi, em média, 10 filmes na segunda aula. Entre eles, reforcei oralmente os significados de ser leitor do mundo, de manter o olhar afiado e atento aos textos da vida. Afinal, tudo é texto – repito como um mantra ao longo do curso. E saber ler o mundo é poder agir sobre ele e ter a oportunidade de ser protagonista da história.

Após os filmes exibidos, o estado de atenção é pleno. A excitação sobre os limites de nossa visão gerou discussões animadas. Encerrei convidando à reflexão no *professortexto.blog*. O assunto fazia relação direta com a aula e repercutiu nos comentários.

¹¹Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UzzMir7zbN4>

Grifo dos comentários

M disse:

Este texto é exatamente o que disse em sua primeira aula. A gente fala com o corpo, com tudo. Tudo é linguagem. Um prazer te conhecer. Abraço

D Disse:

Esse conceito de que o mundo é um texto faz toda a diferença na maneira do ser humano pensar. Gostei da frase "ler é escrever com a mão alheia", porque é isso mesmo né, quando lemos a gente monta um discurso com sentido próprio, mesmo que talvez não tenha sido essa a ideia da mão alheia. Ou pelo menos isso deveria acontecer... Tem muita gente por aí que acha que "ter estudo" as coloca a quilômetros de distância dos analfabetos funcionais... quando elas mesmas não sabem ler.

C disse:

A ideia do post é bem interessante. Se tomarmos o mundo como um texto, será que nós, que pouco a pouco estamos erradicando a analfabetização no país, fazemos parte de uma sociedade "analfabeta funcional" nesse sentido? Precisamos dar instrumentos críticos às novas gerações, tão importantes quanto as fórmulas de física ou cronologias históricas. Acho que principalmente o nosso ensino médio está meio carente de nos instigar a fazer "leituras mais profundas" do universo onde estamos inseridos.

F Disse:

"Nossa sala-de-aula é um texto. A universidade é um texto. O mercado é um texto." Leitores são texto. Nós somos texto." Eu adorei essa parte. Diria que mais que um texto a universidade é um livro repleta de bons textos. O mundo está aí pra que quiser viver e aproveitar as boas oportunidades. Adorei nossa primeira aula professor, sinto que será uma disciplina proveitosa. Beijos e até segunda

A disse:

Acredito não poderia ter um texto mais próprio do que esse para começarmos nossa discussão neste espaço, já que sua primeira aula é incrivelmente impactante e me fez refletir sobre vários aspectos. Já tinha achado superinteressante sua fala na sala nos convidando a sermos leitores do mundo e que seu único objetivo é que no final do curso sejamos capazes de ler esse mundo tão complexo e aí ao ler esse texto isso fica bem mais claro. Tudo é leitura, tudo precisa ser interpretado e associado de acordo com nosso ponto de vista. É preciso que nos letemos a todo momento para que sempre tenhamos uma visão aberta que seja capaz de dar conta de todas as discussões que surgiram em nossa caminhada enquanto ser humano. Deixo aqui registrado que foi um ótimo começo de curso e espero que assim como foi esse texto, este espaço crie cada vez mais contradições e afirmações sobre o que esta a nossa volta.

Professor texto disse:

Pessoas: bem-vindos ao mundo antes invisível a olhos-nús. =>

Encontro 3 – Quem é você, o que deseja fazer de sua vida e como eu posso ajudar a realizar o seu sonho?

Espaço físico: laboratório de produção

O eu é feito de pedaços do outro. Tudo é do outro. Escutar é permitir a presença do outro. O aluno que eu escuto vem morar em mim. A presença do outro me completa. (Bartolomeu Campos de Queirós, 1998)



Figura 22: Postagem referente ao tema da aula

A relação com os alunos atingiu a sexta hora presencial em uma semana. Some-se a isso mais algumas centenas de minutos de comunicação via blog e grupo durante este tempo. A participação dos alunos no *professortexto.blog* estava motivadora porque ia além da obrigatoriedade do comentário. Sinalizava que a relação com a turma começava a ficar mais encorpada. Bom momento de provocá-los.

Assim que eles chegaram foram respeitados os quinze minutos de interação regulamentares. Quem preferiu pôde iniciar a tarefa imediatamente, bastou acessar a pasta da turma disponível em rede na sala de aula. O “arquivo confidencial” sobre meus alunos estava burocrático. Ainda faltava o que não se vê a olhos nus. Precisava saber quem eram estas pessoas verdadeiramente. Precisava também verificar a capacidade de expressão verbal de cada um. Antes de começarem o exercício, pedi que assistissem ao vídeo postado no *professortexto.blog*. O filme exibido foi uma ponte que despertou a emoção para que eles escrevessem com o coração nos dedos.

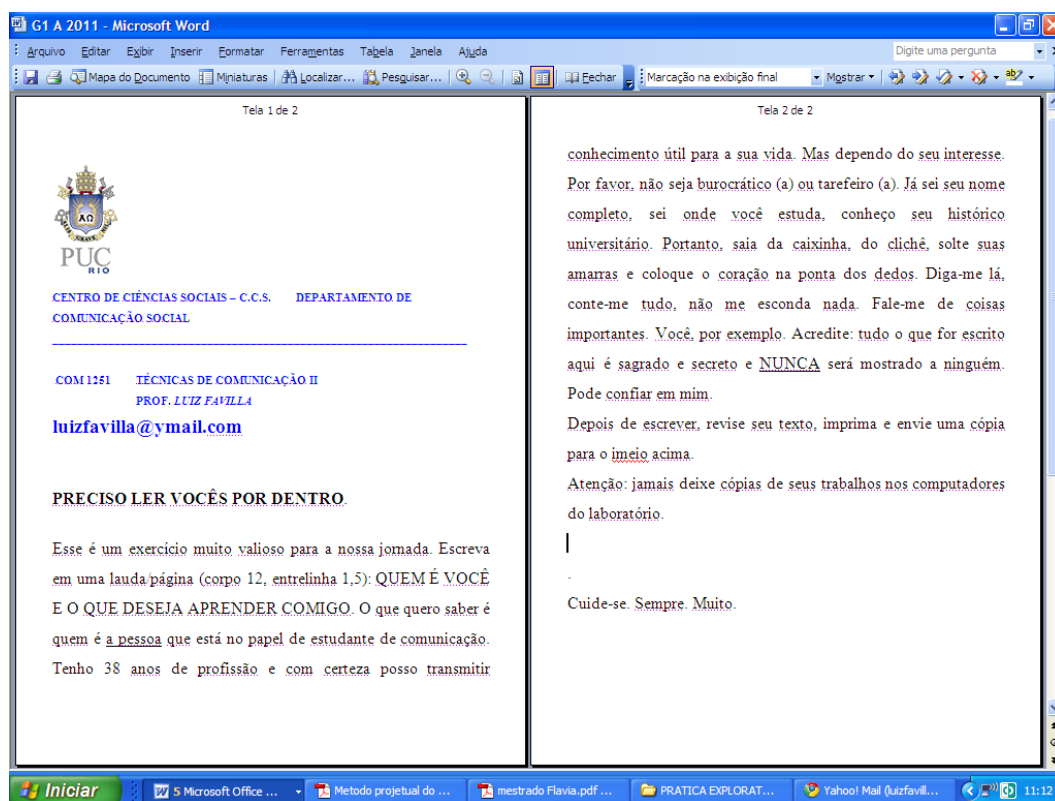


Figura 23: Enunciado do exercício “Preciso ler vocês por dentro”

Considere este exercício como termômetro da receptividade dos alunos. O resultado mediu se a confiança da turma estava a ser conquistada. A maioria abriu o coração e, como num confessionário, revelou seus pensamentos mais íntimos, seus sonhos e pesadelos; falaram de suas relações pessoais e familiares sem meias palavras.

Abaixo um pequeno grifo de alguns dos textos escritos pelos estudantes. São relatos sinceros sobre o universo de suas vidas. Retirei os nomes/iniciais e fatos para não identificar os autores.

“Acho que as pessoas, diante de tudo isso, tendem a me achar estranha. Mas quer saber? Não ligo. Deve ser chato ser normal. Nem quero saber como é.”

“Adoro essa instabilidade de cenários, de gente, de vida. É uma instabilidade positiva, até porque o que tem que ficar sempre fica de uma maneira ou de outra.”

“Planos pro futuro é o que não faltam. Tenho a idéia de morar fora do país, pois acho que o Brasil não tem mais jeito e não vejo nada conspirando a favor deste lugar.”

“Na verdade, escolhi comunicação por eliminação. ODEIO números, não sei nada de química e física e gosto muito de escrever. Antigamente meu sonho era fazer direito, mas eu não daria uma boa advogada porque não conseguiria mentir para ganhar algum caso e iria me envolver demais com o trabalho.”

“Eu tenho um grande medo que eu compartilho com poucas pessoas (que não conseguiram me ajudar) de não conseguir trabalhar em algo que me divirta, que eu não enjoje ou que não tenha alguém mandando em mim.”

“Às vezes eu tenho vontade de aprender tudo de uma vez, e acabo não fazendo nada. Vontade de me sacudir, odeio a sensação de que a minha vida está passando diante da minha preguiça.”

“Se as mãos não estiverem sujas de alguma coisa, nem que seja de merda, tudo acaba perdendo a graça mais rápido do que deveria. Talvez esse seja o maior problema da minha geração, as coisas perdem a graça muito rápido.”

“Sou bolsista, de família pobre e uma das minhas maiores satisfações é chegar em casa com boas notas. Acho que meus pais se orgulham disso.”

“Minha mãe queria que eu fizesse um concurso público. Eu a amo, mas às vezes ela me dá nos nervos. Eu sei que ela quer o meu bem, mas como vou fazer uma coisa que eu não quero.”

“Não procuro mudar o mundo inteiro, apenas mudar o MEU mundo e isso já é muito difícil.”

“Sempre achei jornalismo algo distante, exclusivo aos intelectuais, a pessoas especiais, inatingíveis a um simples carregador de piano como eu.”

Somei estes textos com as informações colhidas anteriormente. Isso permitiu que eu tivesse um mapa bastante revelador sobre a turma e sobre cada um dos aprendizes. Um pequeno resumo: Classe média alta, alguns bolsistas, maioria com excelente formação escolar. Todos, filhotes do digital. Nascidos e criados entre videogames e comunicações eletrônicas. Poucos, muito poucos, gostam de livros. Acham a leitura monótona diante dos atrativos hipermodernos. Fazer essa geração imagética se interessar pelas palavras é um desafio para todo educador. Minha sorte é que também sou filho da tela e aprendi desde cedo a usar suas luzes para encantar meus queridos leitores. O mundo do marketing e da publicidade se apropriou desde sempre das técnicas cinematográficas como estratégia de envolvimento (Lipovetsky G., 2009). E a missão de todo diretor criativo sempre foi conseguir se comunicar com seu público alvo com engenho e arte. Trinta e nove anos de profissão serão úteis?

A postagem do dia falava sobre os significados dos nomes próprios. Pedi que pesquisassem sobre seus nomes. As pautas seguintes foram projetadas em função da composição de cada turma (jornalismo, publicidade ou cinema) e das habilidades e competências de cada aprendiz. Procurei trazer para sala de aula assuntos que estavam em evidência na mídia nacional e internacional na época da pesquisa. Independentemente da habilitação de cada aluno, eles são comunicadores em treinamento e devem se acostumar a manter o olhar afinado e uma posição crítica sobre os acontecimentos. Passei a ser um garimpeiro de hiperlinks dentro do infinito universo cibernético em busca de informações que pudessem ser úteis para as suas carreiras.

Grifo dos comentários:

T. Disse:

Demais! Cheguei a ficar arrepiada! E a curiosidade de saber o nome, hein? Hahaha
Meu nome é o diminutivo de Esther que tem origem persa e significa estrela! Também sei
que meu sobrenome significa `pessoa de confiança em um governo` em um dialeto
marroquino chamado 'ladino'.

G Disse:

ADOREI!!!! Ele envolve a gente nessa paixão por ela e por tudo o que ela significa
através do nome, sem nunca precisar explicitar o nome dela. Incrível!! Que vontade de
saber qual o nome dela!!

J Disse:

Achei absolutamente perfeito ele não dizer o nome. Cada homem apaixonado pode
pensar no nome de sua amada, a poesia não fica presa a uma figura. E se o nome da
mulher fosse horroroso? Hahahaha .Bom, vamos lá! Julia Maria?
Julia, feminino de Julio. Nome de origem latina "Iulius", que significa "brilhante, cheio
de juventude". Também é considerado como derivado de "Jovillius", referente ao planeta
Júpiter. Maria, nome de origem hebraica "Myriam", que significa "vidente, excelsa" que
através do grego resultou "Maria" em latim. Ainda existem outros significados pra esse
nome. Maria a virgem, mãe de Jesus. Esse é o significado que está no meu mapa astral.
Só sei que se pudesse escolher um nome pra mim seria exatamente Julia Maria, nada de
Maria Julia. Hahahahaha!

G Disse:

O que nos aproxima do poema é justamente o fato de não sabermos o nome. Se
soubessemos, ficaríamos tentando imaginar como seria essa mulher tao amada durante
toda a leitura. Sem saber, podemos ser o eu-lirico e imaginar a pessoa que amamos. Lindo
demais!

Professor texto disse: mas afinal? Como era o nome dela? Será Helena, será
Vera? =)

Encontro 4 – Plano C: Cinema neles!

Espaço físico: sala de aula tradicional

A compreensão mais profunda da construção elementar das formas visuais oferece ao visualizador maior liberdade e diversidade de opções compositivas, as quais são fundamentais para o comunicador visual. (Dondis, 2007, p. 53).



Figura 24: Palestra da escritora Chimamanda Adichie¹².

Nasceram na era digital, mas o sentimento continua real: medo de não corresponderem às expectativas. Uma análise da leitura das apresentações dos alunos revelou certa homogeneidade na maneira de pensarem o mundo e agirem sobre ele. Suas histórias pessoais são muito parecidas. Alguns vivem dramas humanos: separações familiares, lutos. Outros vivem numa redoma de proteção. E

¹²Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>.

há, ainda, aqueles que não sabem o que querem fazer da vida. Eles têm 18, 19, 20 anos. Resolvi mostrar que não estão sozinhos nesse turbilhão de sentimentos.

Cinemas neles! Assim mesmo, no plural. Filme 1: *Pro Dia Nascer Feliz*, de João Jardim. Um diário de observação da vida do adolescente no Brasil em seis escolas. Um documentário que emociona e nos faz refletir. Um espelho com imagens provocativas para que os alunos reconheçam identidades e diferenças das relações humanas.

Com a palavra, Valéria, 16 anos, de Manari, Sertão de Pernambuco, uma das protagonistas do filme: *"Eu deveria ter uma péssima impressão da vida se não fosse a paixão que tenho pela arte de viver"*.

Filme 2: As nossas vidas, as nossas culturas são compostas por muitas histórias sobrepostas. Postei o vídeo com a palestra da romancista Chimamanda Adichie no *professortexto.blog*. Ela conta a história emocionante de como descobriu a sua voz cultural – e adverte que se ouvirmos apenas uma história sobre outra pessoa ou país, arriscamos um desentendimento crítico.

O documentário é impactante, vários alunos se emocionaram e choraram em classe. O sentimento descrito pelos alunos no exercício “Quem é Você e o que quer fazer de sua vida?” é praticamente o mesmo sentimento dos outros jovens retratados na película. Mudam as cidades, muda a classe econômica, mudam as oportunidades oferecidas, e nos descobrimos todos iguais nas angústias humanas.

A palestra da romancista foi assistida virtualmente por eles em seus computadores pessoais ou coletivos. Mas também provocou reações animadas que ficaram registradas nos comentários do *professortexto.blog*. O estado de comunhão foi criado. O “mapa” da turma ficou mais nítido com os últimos dados levantados com o exercício e os filmes. Bom momento para construir algo de utilidade prática para todos.

Pode-se observar que as origens da pesquisa-ação (Lewin, 1946) identificam uma investigação que caminha na direção da transformação de uma realidade, implicada diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo, cabendo ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e de participante, e ainda sinalizando para a necessária emergência dialógica da consciência dos sujeitos na direção de mudança de percepção e de comportamento. (Franco, 2005:487)

Grifo dos comentários:

A disse:

“Adorei a aula "cineminha" de hoje! É total clichê dizer isso, mas o documentário é um verdadeiro soco no estomago. Faz a gente ver que existem tantas outras realidades fora do nosso mundinho. Gostei mesmo!”

C Disse:

“É um soco mesmo. Faz a gente olhar além do umbigo. Mas é um filmaço, valeu.”

F Disse:

“filme não retrata apenas a educação brasileira, ele mostra as angústias dos adolescentes, eles deixam de ser alunos para se tornarem seres humanos. Excelente.”

Professor texto Disse:

pessoas: o filme serviu para mostrar que nossos medos são muito parecidos, independente do lugar onde vivemos.

Concordo com Dondis (2007, p.53), quando a autora afirma que as formas visuais são fundamentais porque oferecem mais profunda compreensão das diversidades de opções disponíveis ao visualizador.

Encontro 5 - carta de apresentação

Espaço Físico: laboratório de produção

O grande encontro da era oral, escrita e digital (Lévy, 1999), na Sociedade da Informação, enseja uma prática docente assentada na produção individual e coletiva do conhecimento. Acredita-se que os processos interativos de comunicação, colaboração e criatividade são indispensáveis ao novo profissional esperado para atuar nessa sociedade. Para desenvolver estes processos, há necessidade de oferecer nas universidades uma prática pedagógica que propicie ações conjuntas, e que prepare os alunos para empreender e conquistar esta qualificação, a partir da sala de aula (...) Por sua vez, o aluno precisa ultrapassar o papel passivo de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante para produzir conhecimento e transformar a realidade. (Marilda Aparecida Behrens, 2001:37)

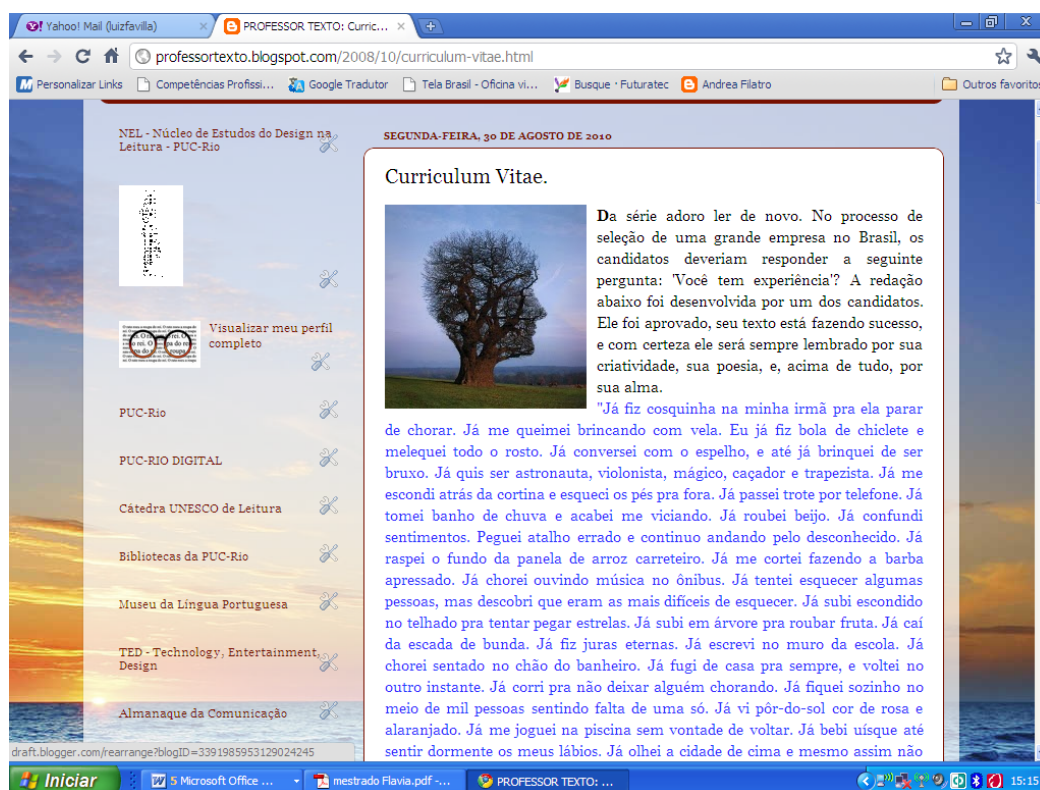


Figura 25: Postagem referente ao exercício “Carta de Apresentação”¹³

A maioria dos alunos pesquisados nunca teve experiência profissional. Sonham ser profissionais de sucesso em suas respectivas habilitações. Anseiam escrever reportagens, roteiros e criar geniais ideias afins. Todavia, ainda não sabem fazer uma simples carta de apresentação e também nunca formataram um currículo básico. Tendo como base esta constatação, inventei uma situação hipotética para treinar esta habilidade:

¹³Disponível em www.professortexto.blogspot.com

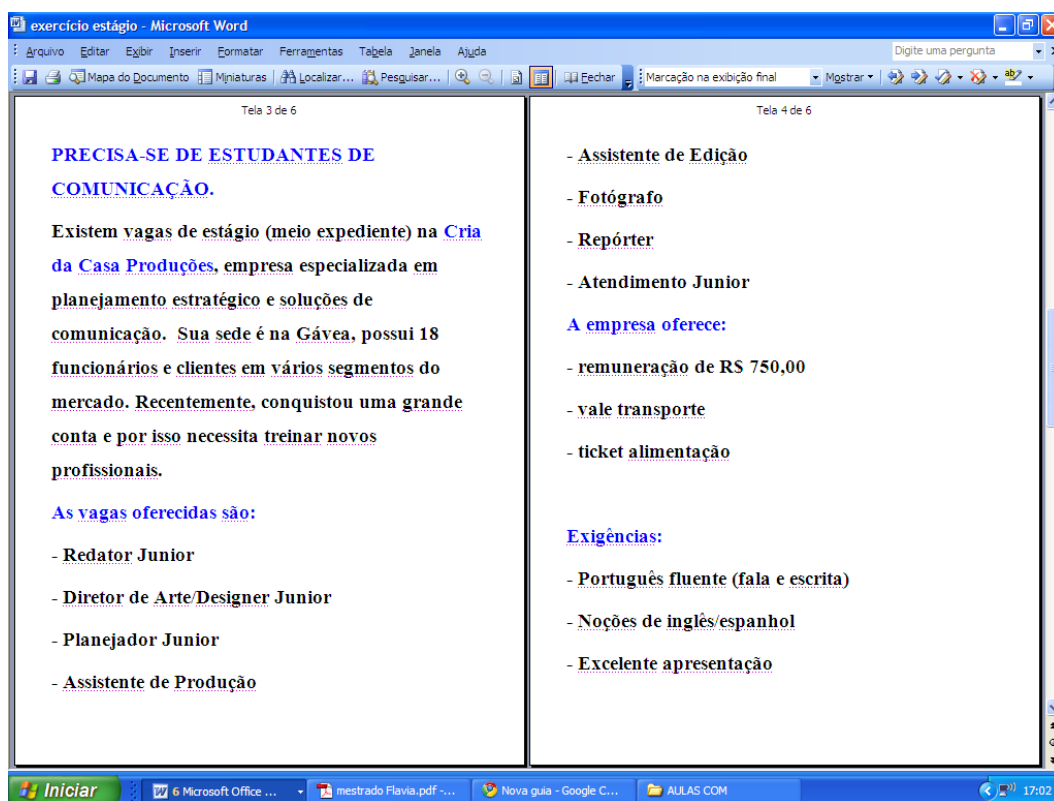


Figura 26: Enunciado do exercício “Carta de Apresentação”

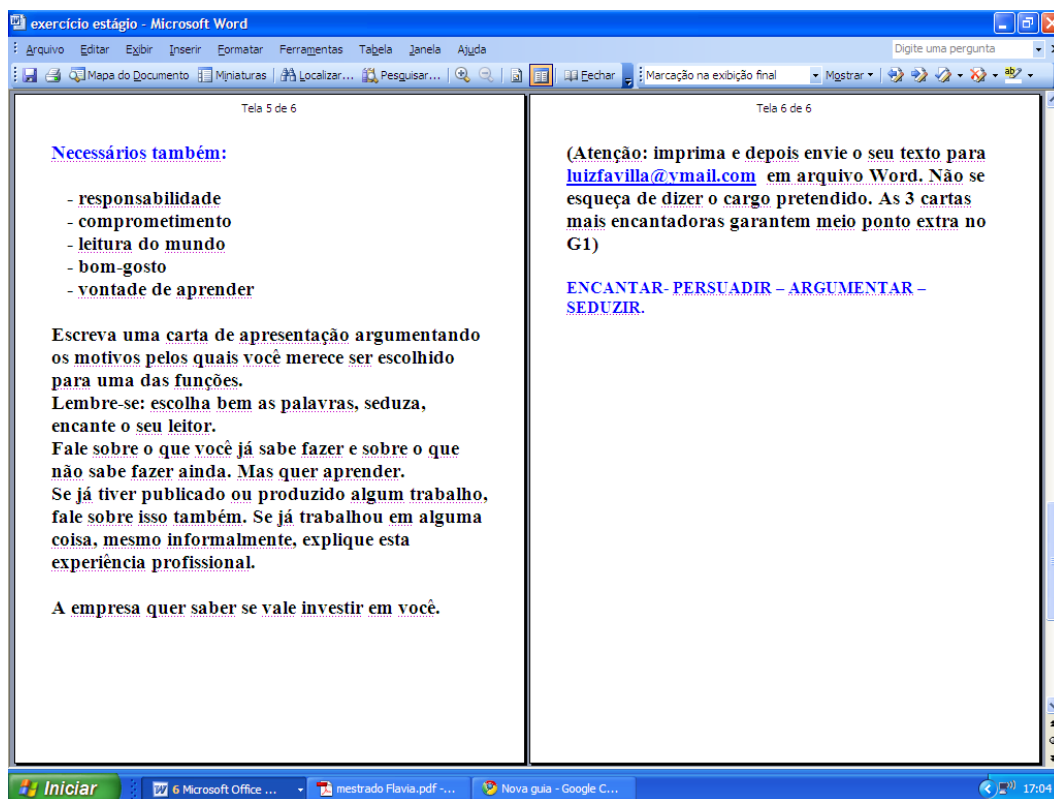


Figura 27: Enunciado do exercício “Carta de Apresentação”

Todos pensaram que a oportunidade de estágio era verdadeira. Expliquei que não, mas era uma oportunidade de eles aprenderem a escrever uma carta de apresentação. Afinal, “os ventos só são favoráveis para quem está pronto” (Sêneca, 400, aC). A tentação do ponto extra motivou a turma e a adesão foi total.

As cartas de apresentação foram reveladoras. Foi possível identificar quem tinha caligrafia própria e quem repetia frases feitas. Candidatos a um estágio teoricamente importante para suas carreiras, eles utilizaram argumentos pouco críveis e muito pasteurizados. Alguns confundiram currículo com carta de apresentação. Poucos dominavam a norma culta e a fluência de vocabulário. Possuíam problemas de adequação de linguagem. Este fato me fez lembrar do artigo *Before you bury Gutenberg*, de 1996, de Diane Gromala, diretora do *New Media Research Lab da University of Washington*, em Seattle, onde ela também conta sua experiência, desta vez com jovens alunos do curso de Design:

Alega-se que estudantes universitários, geralmente denominados como Geração X, estão menos capacitados a ler, não lêem tão bem como antes, e são dispersos. Eu gostaria de concordar, mas ultimamente não posso. Meus próprios estudantes, é verdade, freqüentemente irritam-se ou parecem sentir uma dificuldade real quando são obrigados a ler literatura séria. Eles se contorcem freqüentemente aos 20 minutos de aula. (...) Eles se sentam em frente à luz oscilante das telas de computador até alta noite, mantendo arrebatada atenção. Os estudantes de design mais envolvidos com multimídia, invariavelmente, tornam-se aqueles mais obsessivos com a profissão, com os detalhes, encadernação e bibliofilia. Como nossa cultura se reconfigura em resposta à tecnologia eletrônica e o que ela trouxe. Eu luto contra a noção de que estes estudantes são menos ‘alfabetizados’.

Será que isto depende da primazia de literatura séria? Ou nós estamos testemunhando uma troca para uma alfabetização de um tipo diferente, que inclui outras mídias e satisfaz outras necessidades culturais? (Gromala, 1996:12)70

Apesar de esta discussão até hoje pautar a mídia especializada e ser assunto recorrente nas conversas informais das quais participo entre os professores dos Departamentos (Comunicação Social e Artes & Design), não cabe aqui entrar no mérito do assunto. Mas gostaria de deixar registrado que concordo com a professora Diane Gromala. Os alunos da geração digital possuem uma nova alfabetização que merece ser estudada com mais profundidade.

Grifo dos comentários:

R Disse:

Nossa!! Sensacional!! =D

No momento em que acabei de ler o texto só veio uma coisa na minha cabeça: a cada segundo que passa estamos ganhando uma experiência nova, mas que um segundo depois que se passou ela já está velha, e assim sucessivamente... Isso mostra que devemos estar sempre buscando o novo, correndo atrás de conhecimento.

Também não pude deixar de lembrar da frase que foi dita pelo professor na aula após a publicação deste texto: "Pensem fora da caixinha!"

E é exatamente o que esse texto faz!!!!

M Disse:

Professor, cada vez que venho aqui é uma emoção diferente, mesmo lendo novamente um texto! Aumenta o desejo de ser sua aluna...fico comparando-o aos meus professores que tive e que transmitiram para mim a paixão pela educação e mais que isso, pela pessoa "humana"! Obrigada!

G Disse:

Muito legal o texto!! Qualquer um se identifica com as experiências do autor mas ele foi muito criativo e corajoso de escrever isso em um processo seletivo. Enquanto o normal seria escrever um texto padrão sobre as experiências profissionais, o autor pensou fora da caixa!! Achei bem interessante por ser uma situação que espera que sejamos sérios e contidos. Esse caso nós mostra que fazer algo inusitado muitas vezes pode ser mais valioso que apenas seguir o que está pré estabelecido.

A Disse:

Incrível!! Acho que este texto é mais uma prova de como o homem se centra na palavra presa aos significados dentro de um ambiente determinado, e se surpreende com uma resposta inusitada a uma pergunta banal na vida. Fugir da tendência de trancar as emoções deve ser sempre o caminho a ser seguido.

Professor texto disse: Encantar e seduzir os leitores. Já falei sobre isso com vcs? (rs)
=)

Encontro – 6 - Só não erra quem não faz.

Espaço físico: sala de aula tradicional

O maior perigo na vida está em não arriscar. Aquele que não arrisca nada, não faz nada, não tem nada, não é nada. (Rudyard Kipling)



Figura 28: Postagem referente ao tema da aula¹⁴

Iniciei nosso encontro com um vídeo dos comediantes “Os cara-de-pau”. É uma cena da peça “Nós na Fita”, com Leandro Hassum e Marcius Melhem que brinca com os clichês, frases feitas e vícios irritantes de linguagem¹⁵. Depois, comentamos juntos sobre uma postagem do *professortexto.blog* – um artigo de Eduardo Martins em seu Manual de Redação e Estilo que, de maneira também divertida, discorre sobre o mesmo assunto.

¹⁴Disponível em www.professortexto.blogspot.com

¹⁵Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Ni2baPpy8V4>



Figura 29: Postagem referente ao tema da aula (vícios de linguagem)

Em seguida, exibi os textos que escreveram. Ficaram assustados com a possibilidade da exposição pública de seus erros em sala de aula. Não precisavam. Havia retirado os nomes e algumas informações de modo a preservar suas identidades. Eles acabaram se divertindo com os vícios de linguagem, os pleonasmos, as frases feitas, os clichês e outros equívocos cometidos. A turma participou da escolha das melhores cartas. Todos tiveram a missão de reescrever suas cartas de apresentação de acordo com as observações levantadas em classe.

Para ajudar, coloquei um arquivo no grupo de discussão virtual contendo um manual prático e explicativo de como fazer uma clássica carta de apresentação. Aproveitei para conversar sobre a importância da escolha das palavras, sobre os fundamentos básicos da argumentação e persuasão.

Sugeri que assistissem dois filmes sobre o tema: Obrigado por fumar (*Thank You for Smoking*, Jason Reitman 2006, EUA) e Doze Homens e Uma Sentença (*Twelve Angry Men*, Sidney Lumet EUA, 1957), que considero exemplos

maravilhosos sobre a arte de argumentar, seduzir e encantar audiências através das palavras.

Grifo dos comentários:

T Disse:

“Professor, agora fiquei com medo da língua portuguesa..rsrs. O pior é que hoje se aprende inglês antes do português e acredito que o descaso com nossa língua mãe irá aumentar.”

B Disse:

“Adorei esse post dos vícios de linguagem, me dei conta da quantidade de vezes que a gente acaba usando essas expressões nas mais variadas situações, coisas do tipo "Vamos encarar os problemas de frente!". Adorei o vídeo do espetáculo "Nós na Fita" na aula de hoje! “

C Disse:

“Como é difícil fugir dos vícios de linguagem...Muitas vezes falamos (ou escrevemos) totalmente sem perceber!! Ótima aula!”

A disse:

“Que legal, Favilla! As vezes falamos ou escrevemos essas redundâncias sem nem perceber. Acho que é pq é tão comum, é tão falado por ai que nem nos damos conta desses equívocos.”

Professor texto disse:

tipo isso, tipo aquilo, meio que... os vícios são mutantes e vão existir em função das novas formas dialógicas que a mídia incorpora em nossas mentes. Sejam autores, garimpem as palavras para encantar os leitores. =)

Encontro 7 - La Nave vá.

Espaço físico: laboratório de produção

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras) (Koch, Ingedore G. 2001:29)



Figura 30: Postagem referente ao tema da aula (argumentação e sedução pela palavra)

Os procedimentos iniciais se repetiram. Após a leitura “obrigatória” da postagem do dia eles tiveram uma nova missão. Desta vez, inspirado no ano do fim do mundo, segundo a cultura do povo Maia, o filme catástrofe 2012 produzido em 2009 e dirigido por Roland Emmerich, uma aventura épica sobre um cataclismo mundial e a luta dos sobreviventes.

Adaptada de uma dinâmica que aprendi durante minha especialização em Linguagem e Comunicação em Práticas Profissionais, realizada na PUC-Rio, em 2007, criei o seguinte exercício para testar e exercitar a argumentação dos alunos:

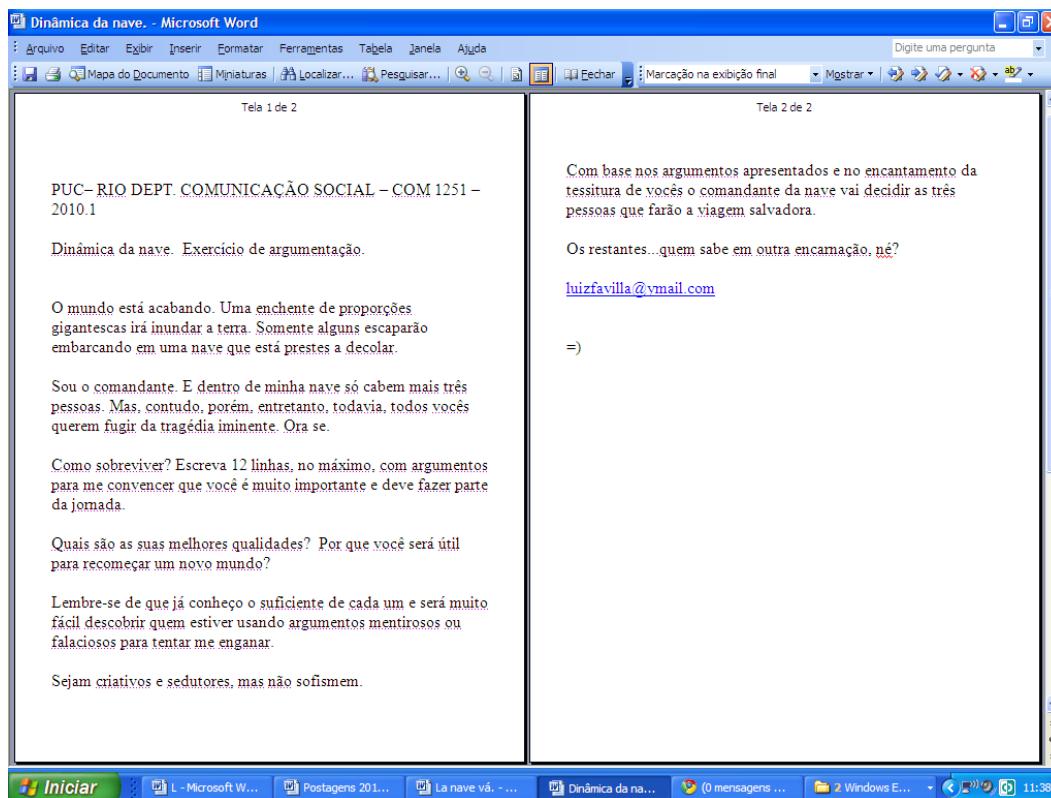


Figura 31: Enunciado de exercício de argumentação sedutora

Prometi enviar, por imeio, os nomes dos alunos que conquistassem o direito de embarcar na nave salvadora explicando os motivos das escolhas. E assim o fiz:



Atenção passageiros para um novo mundo, preparem os lenços.
La nave vá!

Pessoas:

Alguns caíram na armadilha de não ler com atenção o enunciado.
Estava escrito que existiam mais 3 lugares para a viagem.

Para bom leitor significa que há outros passageiros.

O comandante provavelmente vai levar seus familiares, amigos, especialistas em diversas áreas e materiais para garantir o recomeço. Não pensaram nisso. E usaram argumentos sem fundamento algum.

Foi bom conhecer vocês, adeus.

=(

Outros pareciam candidatos a vereador: “sou gente boa, amo a família, os amigos, respeito leis e a natureza, quero paz e amor, tudo farei para construir um mundo melhor, com fé, certeza, confiança, amizade, leva eu, por favor, me salva, me salva, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá..

Frases feitas, sem envolvimento, sem sedução. Algumas até muito bem escritas do ponto de vista gramatical, mas ...

Foi bom conhecer vocês, adeus.

=(

Outros afinaram o foco, leram as possibilidades, se colocaram no lugar do comandante. E usaram argumentos críveis, encantadores, sedutores e criativos. Façam a mala, rápido !

=)

Tudo somado, foi mais difícil do que esperava; a maioria é autor, possui boa onda, espírito livre e mente aberta. Meu lado paterno, que é imensurável, gritou logo: embarque todos que levaram a sério o exercício, já ! Entretanto, meu lado maestro, que se pauta pelo equilíbrio racional, pela ética e justiça dos fatos não permite tal transgressão.

=)

Eis os nomes dos escolhidos em ordem alfabética.

Apenas eles irão embarcar.

Os outros quem sabe em outra encarnação.

=)

Os vencedores são:

Técnica: som de aplausos esfuziantes com leve efeito de eco em background . Trilha especial acompanha o seguinte lettering que sobe na tela . Congela e encerra.

TURMA 13 H

PP

RR

RSS

TURMA 15 H

SF

TURMA 17 H

AF

LF

MA

=)

Grifo dos comentários:**M disse:**

“É professor, a argumentação é o caminho que aproxima o homem. Quando não temos um bom argumento, na realidade também não temos uma idéia concreta do que queremos.”

T disse:

“Uma boa argumentação, pensamento ágil, dominar o assunto, cabeça aberta para ouvir e meio caminho andado...”

L disse:

“Muito bom esse texto. Tem muita gente que confunde discutir ou debater com brigar ou impor suas ideias.”

Professor texto disse: dialogar significa trocar e não submeter ou impor. =)

Encontro 8 – O que você faria?

Espaço físico: sala de aula tradicional

Afinal, as pessoas não são máquinas esperando ser programadas. Persuadir é ter certeza de que o outro também ganha com aquilo que ganhamos. É saber falar menos de si e do que se quer, e mais do outro e do que é importante para ele. (A arte de Argumentar, Antônio Suárez Abreu. Ateliê Ed. SP, 2007)



Figura 32: Postagem referente à aula do dia (argumentação e sedução)

Procedimentos iniciais se repetiram. Desta vez, avisei a turma, por imeio, que teríamos um filme para assistir e comentar juntos. Uma produção hispano-argentina de 2005: *El Método*. No Brasil, este filme recebeu o nome de “O que você faria?”.

Sete executivos disputam uma única vaga em uma empresa. Eles chegam para o teste de seleção no mesmo dia em que Madri é movimentada devido a marchas de protesto contra a globalização e a política monetária do FMI, que realiza sua reunião no mesmo prédio em que estão. Logo os candidatos são informados que serão submetidos a uma seleção diferente, chamada de Método Grönholm. Nele o grupo é deixado a sós em uma sala, sendo promovidos vários testes via computador que têm por objetivo analisar a interação entre eles. De início, todos acreditam ter total controle sobre seu comportamento e emoções, mas os jogos os colocam em situações-limite que, aliado ao fato de saberem estar sendo observados, os colocam em um nível de tensão insuportável.

Tudo que conversamos sobre persuasão, sedução e encantamento, dramatizados em um teste de seleção para um cargo executivo de uma grande empresa. O filme tem 1 hora e 50 minutos. Para poder assistir e comentar certas passagens onde as técnicas de comunicação são mais exibidas, utilizei o controle

remoto para adiantar as sequências ou pausar o filme. Assim foram evidenciados detalhes que passam despercebidos durante a narrativa.

Assisti ao filme três vezes seguidas, mas o resultado empolgou. Cada turma reagiu de maneira distinta. Alguns alunos, que já haviam visto o filme, se surpreendem por descobrirem novas leituras. Em uma das turmas não foi possível assistir tudo em virtude de uma excelente discussão sobre a importância de saber ler/ouvir os enunciados antes de contestar. A turma se empolgou e o filme ficou em segundo plano.

Grifo dos comentários:

B disse:

“Filme sensacional para começar o final de semana com emoção, ou seja, arriscando!!É muito fácil não se expor a nenhum risco, desse modo você não tem nada a perder, mas também não tem nada a ganhar.Como diria meu pai: "Um NÃO você já tem, o que vier é lucro". Os desafios que a vida impõe devem ser ao menos saboreados, afinal,é preciso arriscar para poder viver.”

M disse:

“Muito irado vídeo! É como está no vídeo, se você não se arrisca, você nao consegue nada na vida! É necessário arriscar sem ter medo e ver no que vai dar! Isso é o que da graça na vida! Viver arriscando e não parado esperando que as coisas aconteçam!”

S Disse:

Luiz: encontrei na internet. É do mesmo autor. Acho que complementa o post. (...) Mas em que convencer se diferencia de persuadir? Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize. (ABREU, 2003:25).

R disse:

“Muito bom esse filme. Vi no primeiro período e já estava na hora de revê-lo. Espero um dia poder dominar essa arte de argumentar”

Lembrei de Bartolomeu Campos de Queirós: “Professor é alguém que conduz outro alguém a si mesmo”. Adoro o que faço.

Encontro 9 – Hora do Recreio

Todo professor deve empenhar-se para desenvolver em si mesmo a habilidade de descobrir novos métodos. (Leon Tolstoy apud Schön, 2007)

Espaço físico: laboratório de produção



Figura 33: Postagem referente à aula “1º de abril”

Procedimentos iniciais.

A turma demonstrava entender as dinâmicas do curso. Os comentários registrados no *professortexto.blog* revelavam que estávamos construindo uma boa relação. Hora de juntar todo mundo, trabalhar em grupo, interagir. Sair do exercício solitário para a prática solidária. Hora de brincar com a imaginação, delirar o verbo.

Gosto muito de praticar exercícios de criatividade. Inventar brincadeiras que motivem os alunos a pensar com ambos os lados do cérebro. Aproveitando o 1º de abril, dia da mentira, propus brincar de verdade com as ideias. Eles receberam a foto manipulada de um objeto indecifrável.



Figura 34: misterioso objeto para decifração dos alunos

Tarefa: definir e criar atributos para aquele objeto de aparência híbrida e camaleônica, que tanto poderia ser um telefone, um rádio, uma furadeira, um computador portátil, uma faca, um *modem wi-fi*, ou um celular. Ou, ainda, aquilo que o olhar de cada um conseguisse ler e decifrar. “Assim é se lhe parece” (Pirandello)

Valia qualquer tipo de texto ou narrativa, mas eles teriam que apresentar e defender suas “mentiras” (afinal, aquele objeto era uma farsa!) para todos os colegas. As duplas rapidamente foram formadas. Um clima de ebulição criativa tomou conta da sala. Tempestade de ideias para todos os lados. Depois de trinta minutos, cinco grupos se apresentaram.

Foi muito engraçado. E revelador. Tive boas surpresas e algumas decepções. O que mais odiei: todos batizaram o objeto com nomes ingleses. A colonização é bárbara. O que mais amei: a dedicação, o comprometimento e a interação entre os pares. Alguns foram malabaristas tecnológicos, formataram *layouts* e edições com trilhas sonoras. Juventude imagética. Outros foram mais tarefairos. Preferiram o caminho mais fácil. Nada contra. Fiquei assustado com o estilo de texto da turma. Todos escreveram tipo *polishop*: “*seus problemas*

terminaram! Chegou o produto que você estava esperando”. Como diretor de criação diria: um horror.

Mas, tudo somado, a aula divertiu e revelou como somos engessados, enquadrados em padrões. Mostrou que a liberdade de andar sozinho assusta a maioria. Novamente a discussão entre ser ator ou autor. Dar o peixe ou ensinar a pescar? Lembrei de Leonardo Boff (1997):

Cada um hospeda dentro de si uma águia. Sente-se portador de um projeto infinito. Quer romper os limites apertados de seu arranjo existencial. Há movimentos na política, na educação e no processo de mundialização que pretendem reduzir-nos a simples galinhas, confinadas aos limites do terreiro. Como vamos dar asas à águia, ganhar altura, integrar também a galinha e sermos heróis de nossa própria saga?

Voem passarinhos, voem.

Grifo dos comentários:

T disse:

“A liberdade é a maior prisão do ser humano moderno. Ela é falada, discutida mas nunca desfrutada. Por isso o incômodo ao nos deparar com uma situação na qual ninguém tenta limitar nossa visão, como um cavalo selado por seu jóquei.”

B disse:

“Não da criatividade em si, mas que desde pequeno nós somos "obrigados" a fazer o que nos mandam, no maternal e ao longo do ensino. Sempre somos testados pra ver se aprendemos o conteúdo, aquela coisa certinha que todos tem que estar na ponta da língua, todo mundo igual, que nem robô. Eu mesma quando tenho um trabalho de tema livre, que posso criar o que quiser, não tenho a menor idéia de como começar. Falo que não sou criativa, mas sem praticar, quem é?”

M disse:

Tudo está na maneira de ler o mundo. Estamos despreparados para lidar com o diferente, distante. Precisamos ser testados o tempo todo para ver se somos capazes de fazer o diferente, construir o novo e descobrir o difícil. Costumamos nos doar para o contínuo, o conhecido e não paramos pra pensar, criar, criticar e analisar. Todos temos a criatividade e o intelecto, só precisamos saber usá-los e não deixá-los atrofiar!! A busca pelo novo, diferente e a descoberta de algo que sabe que foi você quem conseguiu por mérito gera a evolução da espécie. Acredite, inove, evolua, CRIE!

S disse:

“A cada dia busco exercitar minha criatividade. Mas percebo que o passar do tempo, o "tornar-se adulto", faz de tudo para esquecermos essa criatividade inata... É como se a largássemos na infância. Tenho medo disso. Não que eu queria ser o Peter Pan,

mas acho que a visão do mundo de uma criança deve ser preservada em nossa mente. Não podemos esquecer como era bom imaginar. Viajar no incrível mundo da fantasia e das idéias! Fazer de uma toalha o uniforme de um super herói ou encontrar na bicicleta uma moto que pode voar! (E claro, preservar bonecos dos Power Rangers também vale!)

Manter essa visão é um exercício. Devemos nos desprender da comodidade e do convencionalismo. Não pensar no que o outro pensa, mas no que nós pensamos! Sermos espontâneos, só! Dessa maneira podemos caminhar felizes, "lendo o mundo" e contagiando quem estiver por perto, pois todos, antes de tudo, foram crianças; são criativos por natureza!"

A disse:

“Parece que as vezes a liberdade compelida nos priva de nossa criatividade, acontece um bloqueio. São tantas formas e maneiras que nos abrem e nenhum caminho escrito pra seguir que ficamos realmente travados. E o que é ser criativo? não pode ser criar um novo caminho. Concordo com o Gabriel e com um post mais antigo do blog que uma vez disse sobre o olhar da criança e o olhar "turista" que nos faz manter essa percepção diferenciada do mundo, que nos faz ser criativos e olharmos com o outro lado do cérebro.”

R disse:

“É verdade professor; quando temos a liberdade de escolher a melhor forma de fazer qualquer trabalho perdemos nosso "ponto de apoio", é como se nós fôssemos programados desde cedo a elaborar trabalhos regrados pelo professor. Esse costume, ao meu ver "quadrado demais", vem da nossa base, níveis fundamental e médio. É preciso mudar esse conceito de "decoreba" nas escolas de base. Não digo acabar de vez com fórmulas estabelecidas, mas sim incentivar o aluno para somar a tudo que já é conceituado um toque de criação, onde o próprio se sinta co-autor.”

Professor texto disse:

Mosca ou abelha? Águia ou galinha? Lembram de nossa conversa sobre estes temas? Pratiquem autoria, sejam senhores de suas histórias. =)

Encontros de 10 a 13 – aquecimento do G1

O exercício da pesquisa-ação como investigação formativo-emancipatória requer fundamentalmente o modelo do agir comunicativo (Franco, 2005). Segundo Rojo (1997), a ação comunicativa é uma ação eminentemente interativa, nasce do coletivo, da equipe. Essa ação não pretende garantir a eficiência a qualquer custo, não é individualista, não persegue o êxito, mas, ao contrário, é uma ação dialógica, vitalista, que emerge do mundo vivido. Essa ação nasce da situação e lhe oferece saídas. É comunitária, busca o entendimento, persegue a negociação, o acordo; busca o consenso; é axiológica porque acredita na validade das normas discutidas.”mansa na escuta e forte na tomada de decisões. (p 32-33)

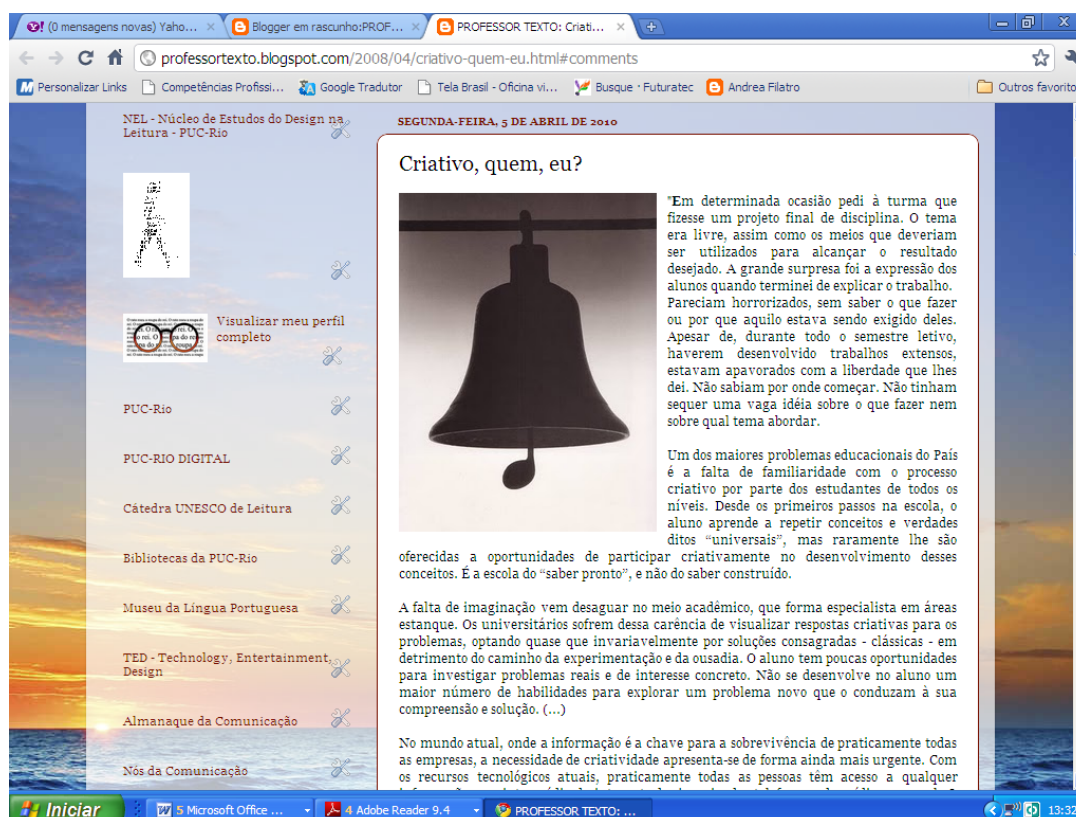


Figura 35: postagem referente à aula sobre criatividade

Espaço físico: dois encontros na sala de aula tradicional e um encontro no laboratório de produção. As três aulas que antecederam a apresentação dos trabalhos foram dedicadas a tirar dúvidas e praticar alguns exercícios de criatividade. Eles serviram de treinamento para as apresentações dos alunos, que serão relatadas posteriormente. Como forma de registro, creio que vale descrever os dois exercícios realizados durante o período. O primeiro foi um trabalho de conjunto e, ao mesmo tempo, uma prática de fala pública motivada pelo temor que a turma manifestou de se apresentar diante dos colegas.

Denomino o exercício de profissões improváveis. É uma variação de uma dinâmica de treinamento que participei em Buenos Aires, em 1983, junto com diretores de criação do grupo inglês JWT. Fiz algumas adequações de memória, pois não fiquei com o enunciado original da época. As profissões improváveis são: digitador de *twitter*, dentista de canários, *designer* de túmulos, motorista de charrete, pedicure de elefante, pintor de rodapé, afiador de agulhas de tricô e redator de cartões de boas festas.

A turma foi dividida em cinco grupos de três alunos. Cada grupo teve que realizar uma apresentação de três minutos sobre uma das profissões inovadoras que sortear. Os grupos descreveram como é a profissão, a origem, mercado de atuação, metas de expansão ou simplesmente “venderam o peixe” criando uma propaganda (cartaz/anúncio/spot/outdoor/instalação) para os presentes.

O resultado foi instrutivo e muito divertido. A turma ficou integrada e o receio que havia de se expor ficou minimizado diante das brincadeiras entre eles. No dia da apresentação do G1, o nervosismo não teve o peso que imaginavam porque as pessoas já tinham criado uma energia solidária entre elas.

O segundo exercício, realizado também no laboratório, foi precedido de uma aula teórica/prática sobre a importância dos títulos para o jornalismo, para o cinema e a publicidade. Baseado no livro “o copy criativo” de Roberto Menna Barreto, revemos e comentamos alguns dos exemplos de títulos criativos citados na obra. Depois, os alunos receberam o seguinte *briefing* hipotético:

A Fiat lançou o Palio Lady, uma série limitada dedicada às mulheres. Os principais diferenciais são: GPS, ar condicionado digital que se regula pela temperatura do corpo, bancos ergonômicos, mais compartimentos para objetos, espelhos maiores, conjunto de cores exclusivas, todas muito suaves, e com combinações perfeitas de tonalidade entre acabamento interior e pintura exterior. Público: mulheres independentes e de estilo próprio (30/40 anos), classe A, B. Seu trabalho em dupla: faça quatro títulos quadrados, sem sedução nenhuma, e outros quatro títulos com muita sedução.

Para uma turma de terceiro período, cuja maioria está habilitada em jornalismo, os resultados foram excelentes, em minha opinião. Sem revelar os autores, compartilho os melhores títulos criados.

Palio Lady. Se o seu marido pedir emprestado, desconfie.

Palio Lady. Seu armário ficou pequeno.

Palio Lady. Enfim, um carro que combina com sua bolsa, com seu cinto, com seus sapatos e a cor de seu batom.

Palio Lady. Chi-quér-ri-mo!

Palio Lady. Mulheres, cheguei.

Palio Lady. Fiu-fiu!

Palio Lady. Chega de pretinho básico!

Palio Lady. Qual o telefone do seu carrão, hein?

Palio Lady. Tem que ser muito macho para dirigir um carro tão fofo assim.

Além de exercitar o trabalho em conjunto, treinar a fala pública e incentivar a criatividade, os exercícios serviram para descontrair os alunos e treiná-los para as apresentações do G1, a seguir.

Grifo dos comentários:

A Disse:

É verdade professor; quando temos a liberdade de escolher a melhor forma de fazer qualquer trabalho perdemos nosso "ponto de apoio", é como se nós fôssemos programados desde cedo a elaborar trabalhos regrados pelo professor. Esse costume, ao meu ver "quadrado demais", vem da nossa base, níveis fundamental e médio. É preciso mudar esse conceito de "decoreba" nas escolas de base. Não digo acabar de vez com fórmulas estabelecidas, mas sim incentivar o aluno para somar a tudo que já é conceituado um toque de criação, onde o próprio se sinta co-autor.

B Disse:

Já estive em situação semelhante e o meu pavor foi igual. O professor pediu uma redação com tema livre e apesar de entender sobre inúmeros assuntos fiquei com medo de sair daquele lugar comum. O tipo de ensino no Brasil não só priva a criatividade como também faz com que aqueles que tiram notas abaixo da média seja vistos como burros ou preguiçosos o que na verdade pode ser que eles somente não se adaptam a forma de ensino. Será difícil uma reforma nessa área mas tentativas como exercícios como esse deveriam ser mais incentivados.

PP Disse:

Isso, !! Para a criança tudo é novo! Exercitar esse olhar é importantíssimo, seja para nós que lidamos intimamente com processos de criação, ou para qualquer ser humano. O comodismo é uma barreira para a leitura e percepção do mundo. Olhar de criança, olhar 'Turista'!

AA Disse:

Professor, no trabalho que você mandou a gente argumentar sobre se queríamos prova ou trabalho eu escrevi um pouco sobre isso. Não da criatividade em si, mas que desde pequeno nós somos "obrigados" a fazer o que nos mandam, no maternal e ao longo do ensino. Sempre somos testados pra ver se aprendemos o conteúdo, aquela coisa certinha que todos tem que estar na ponta da língua, todo mundo igual, que nem robô. Eu mesma quando tenho um trabalho de tema livre, que posso criar o que quiser, não tenho a menor idéia de como começar. Falo que não sou criativa, mas sem praticar, quem é?

Professor texto disse:

hummm....tô desconfiado que vocês começaram a entender o caminho das pedras sem as pedras do caminho.

Encontro 14 - Conversa afiada.

Espaço físico: laboratório de produção

Em sala de aula presencial ou virtual, o professor não é um contador de histórias. À maneira do design de software interativo, ele constrói um conjunto de territórios a explorar, não uma rota. Mais do que "conselheiro" ou "facilitador", ele converte-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências. (Marco Silva, Sala de aula interativa, 2005)



Figura 36: Postagem referente à aula do dia (Avaliações)

Procedimentos iniciais. O filme de abertura foi um comercial inglês que mostra a viagem épica de uma cegonha a enfrentar todas as intempéries para cumprir sua missão de entregar um bebê na porta de uma casa. Muitos anos depois, câmera mostra um homem de terno e gravata, com aparência desleixada, bocejando e carimbando burocraticamente alguns papéis sobre a mesa de um escritório decadente, enquanto é observado pela cegonha pousada do lado de fora da janela. No final, o olhar de ambos se cruza de forma emocionante. A cegonha vai embora frustrada porque seu trabalho não valeu a pena. Entra um letreiro na

tela que diz “Isso é o melhor que você pode fazer”? (tradução livre) Assina uma rede de cursos técnicos.

A mensagem de um minuto impactou os alunos. Aproveitei a catapulta emocional para falar sobre o tema. E iniciar os trabalhos do G1, avaliação bimestral dos alunos de graduação da PUC-Rio.

Em vez do convencional trabalho em duplas ou da tradicional prova do bimestre, e em função de nossas discussões sobre a aplicação de provas ou trabalhos do bimestre, pedi aos alunos que preparassem uma apresentação sobre as qualidades e os talentos profissionais que julgassem ter. A ideia era motivar a autoria e a construção do discurso próprio em cada um.

Sabia que seria uma missão difícil para a maioria. São muito jovens e inseguros sobre as carreiras que escolheram. Por isso mesmo, permiti que delirassem o verbo e que escolhessem uma profissão que se identificassem. Valia todas: malabarista, comunicador, músico, mágico, esportista, fotógrafo, vendedor, repentista, modelo, cineasta, surfista, designer etc. O importante é que criassem argumentos sedutores capazes de me fazer contratá-los para um cargo fictício. Trabalho que gostariam de exercer.

Eles poderiam usar qualquer ferramenta para conquistar esse lugar: montar um ppt, gravar um filme, criar uma instalação, ler um poema, formatar um cartaz, um anúncio, compor uma música, um desenho ou simplesmente fazer um discurso. O prazo foi negociado: três semanas. Depois, todos teriam que se apresentar numa ordem sorteada instantes antes do início da aula.

No dia combinado, a turma mostrou que estava mais segura e confiante, e todos encararam a "dor e a delícia de ser o que é" (Veloso, 1987). Um dos aprendizes encantou a classe. Na sua vez, abriu seu caderno, levantou e, de frente para a classe, leu com mãos trêmulas, voz ciciante e sedutora:

"Eu sou boa em dizer que eu tenho uma certa dificuldade em pensar em alguma coisa na qual eu realmente seja boa. Isso certamente vai fazer com que a maioria de vocês faça uma cara feia do tipo: "ela é louca de falar isso" ou "isso não vale!"; mas é claro que vale.

Eu poderia falar que sou organizada e tenho experiência com trabalho de grupo, mas isso aqui não é o meu currículo. Fora que eu acho mais interessante convencê-los de que aquilo que é bom em mim anda meio "camuflado", uma forma eufemista de dizer que eu passei dias pensando no que eu faço bem e acabei caindo nessas palavras "autoretalhadoras".

Machado de Assis disse que a verdade sai do poço, sem indagar quem se acha à borda, e essa é a minha verdade: Eu não sei dizer com exatidão no que eu sou boa. Eu simplesmente penso, faço e me conduzo da melhor maneira que consigo em tudo aquilo que me proponho a fazer.

Se vocês acham fácil fazer o que eu estou fazendo, experimentem vir aqui na frente a fim de se denegrir de tal maneira que todo mundo vai sair da sala pensando: É, ela não é boa em nada. Eu não sou a Dakota Fanning, eu não ganhei no Soletrando, não tenho 6 anos de idade e sei tocar piano como Beethoven. Não sei jogar xadrez, na verdade mal damas eu sei direito, aprendi outro dia. Não sou a nova descoberta do American Idol, nem fui chamada para participar do Aprendiz Universitário.

Eu posso ser uma desnorreada no que concerne o autoconhecimento, mas eu sou corajosa pelo menos. Aliás, corajosa é o significado do meu nome, coincidentemente ou não. Talvez eu seja boa em dar a cara para bater, submeter-me ao risco. E submetendo-me ao difícil, o incompreendido, eu vou acabar descobrindo em um estalo, no que eu sou realmente boa.

Há uns dias atrás, li um texto da Martha Medeiros que dizia: "A poesia é uma fatalidade do olhar. Baste um frame de segundo e ela se revela, para então se esconder novamente atrás da pressa, do tédio, do desencanto, do hábito, do medo do ridículo que paralisa todos nós." E se pelo menos nesses 3 minutos do meu risco do dia de hoje, vocês estiverem achando que eu não sou boa em nada, eis que eu vos contradigo: Sou boa em ser convincente.

Foi aplaudida de pé. Todo mundo sabe que choro até em inauguração de supermercado. Pois é. Dei vexame de novo. Aliás, por três vezes no mesmo dia. Além da aluna A., o aluno T.O. (com performance cinematográfica absolutamente emocionante) e o aluno F. O. (com uma edição de vídeo sensível e minimalista) também me levaram às lágrimas.

Eis a lista completa com as iniciais dos meus queridos autores e as profissões que defenderam. Descobri que tive sorte em fazer parte da vida deles:

A.A. - ambidestra
 C. E. M. C.- cineasta
 C. F. - cantora de rap
 D. de V. - vídeo maker
 F. S. - produtora
 P. B. - fotógrafo
 R. G. - apresentadora tv
 R. de M. e S. - doceira
 T. da S. - comentarista

T. O. - roteirista
 G. T. - humorista
 J. V. - designer
 J. M. F. - contadora de histórias
 M. C. - organista
 R. D. - memorialista
 T. L. S. S. - comunicador
 A. C. E. - editora de moda
 A. L. B. - produtora
 C. C. - fotógrafa
 C. P. - artista plástica
 E. A. - síndica
 F. P. - comunicador
 F. M. - jornalista
 G. M. - curadora
 L. V. S. - DJ
 M. A. - mágica
 M. M. - jornalista

A repercussão dos trabalhos transpassou a sala de aula e foi para os comentários do *professortexto.blog* :

Grifo dos comentários:

M M disse:

Maravilhoso o texto, em menos de três minutos emociona sem dificuldade.

Aliás, vi muitos trabalhos bons, bem pensados e apresentados. Em tom emocionante, como o do F, engraçado, como o da L e original, como o da E.

Confesso que, antes mesmo de saber qual seria o trabalho, já tinha certeza que surpreenderia. E essa surpresa, durante semanas, me assustou. Me preocupei em fugir do óbvio e seguir a veia criativa, encarnar o trabalho. Mas eis que a surpresa foi positiva e maior ainda: Gostei muito de pensar, criar, e ao mesmo tempo ver diferentes visões.

F S disse:

Tenho certeza que essa experiência foi muito melhor e diferente de qualquer trabalho de grupo ou prova. Apesar da vergonha e do nervosismo eu senti que todos ficaram tranquilos e à vontade. O texto da A ficou muito lindo. Da próxima vez temos que filmar! Só filme o da Alice.

A A disse:

SENSACIONAL... Não sou aluna, na verdade sou quase ex aluna, rs ! Estava na internet lembrei o conteúdo interessante que sempre está presente nesse blog e resolvi dar uma olhada. Li o texto da A R e não me contive...tive que comentar ! Ficou maravilhoso, PARABÉNS à ela e ao professor que passou um trabalho tão bacana. ADOREI! beijinhos

R G disse:

Ahh que lindo você postar isso aqui Luiz! Realmente a minha amiga escreve muito bem e com toda a certeza emocionou não só à você e à mim, como a todos. É o meu orgulhinho, hahaha!! Todas as apresentações foram muito boas... algumas divertidas, outras inteligentes, tocantes diferentes e emocionantes! Foi uma experiência muito boa que ajudou para nos conhecermos um pouco melhor e "botar a cara a tapa" como você diz, de um modo gostoso e diferente. Confesso que o nervosismo tomou conta de nós alunos, mas no final tudo deu certo e foi muito bom. Gostei de fugir do cotidiano e quebrar a cabeça botando a cara a tapa. Genial!!

R R. disse:

Bravo! Belas palavras, ótima proposta e excelentes resultados. Parabéns à A e ao professor

T M disse:

A A mandou bem demais!

Chegou lá na frente como quem não queria nada e deixou a turma toda com os olhos cheios d'água.

Parabéns a todos, com menção honrosa aos cookies da R!

A R disse:

"Não é possível se emocionar sem ter emoção para dar."
=)

professor texto disse:

O texto do T foi pontuado de citações de grandes filmes da história do cinema e sincronizado por uma leitura teatral com objetos de cena incorporando sua representação foi mesmo um dos momentos mais emocionantes do dia. Suas mãos trêmulas deram um toque ainda mais dramático à performance.

Você tem razão, J: foi lindo, irado, emocionante, empolgante, lavou nossa alma.
=)

R F disse:

Parabéns, A!

A aula de segunda foi muito divertida e estimulante. Todos foram muito engraçados e originais. O mais legal foi conhecer um pouco mais de cada um. Você como professor deve saber bastante de cada um de nós, mas eu, como não conhecia ninguém da turma, me surpreendi com os talentos que temos. Uma pena que não foi possível assistir as apresentações de todas as turmas, essa performance do T parece ter sido o máximo.

F disse:

Professor, aprendi muito com meus amigos. Isso sim é educação de verdade. Fiquei muito orgulhoso de estar entre eles, me divertir muito. Obrigado pela oportunidade.

L A disse:

Não sei quem é A, nem R, tampouco conheço alguns dos alunos. Nem mesmo sei a identidade real do Professor Texto. Descobri o blog por acaso e, como egressa do curso de comunicação e eterna apaixonada por ela, me achei aqui, como a gente se acha no abraço da melhor amiga, ou nas páginas do seu poeta preferido. Obrigada a todos, em especial ao professor, por partilharem seus olhares e suas emoções com o mundo e com anônimos, como eu.

L R de A:

(Jornalista, gaúcha, trabalha em assessoria de comunicação e visita blogs bons como este aqui)

M P disse:

A resumiu o sentimento de muitos que estavam na sala. Pena eu não ter presenciado isso. Até os mais convictos de sua aptidão, constatemente duvidam, secretamente, se estão em condições de desempenhar o que se propoem.

R disse:

Não sou aluno, sou apenas visitante do blog, mas deixo aqui minha parcela de gratidão por poder ler um texto tão emocionante! Parabéns A!

Segundo Franco (2005), é no agir comunicativo que os participantes chegam a um saber compartilhado que vai tecendo uma estrutura interacional de confiança e comprometimento. Ouso dizer mais: Não é possível ser persuasivo, argumentativo, criativo, sem viver em constante estado de encantamento com as cores, as formas, os sons, as provocações sensoriais da natureza, as reações e peculiaridades das pessoas, a evolução tecnológica, as comparações entre diferentes épocas, os fenômenos artísticos, culturais e sociais que nos envolvem. Não é possível se emocionar sem ter emoção para dar. O encantador precisa estar sempre encantado. (Adilson Xavier, 2007))

Encontro 15 – Aula-Reunião.

O pensar crítico implica o diálogo, que é, também, o único capaz de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e, sem esta, não há educação. A educação é diálogo.

(Paulo Freire, 1986)

Desde Lewin até Elliot, afirma-se que uma importante característica da pesquisa-ação é seu processo integrador entre pesquisa, reflexão e ação, retomado continuamente sob forma de *espirais cíclicas*, dando tempo e espaço para que a integração pesquisador-grupo vá se aprofundando, permitindo-se que a prática desse processo vá, aos poucos, se tornando mais familiar, como também o tempo para que o conhecimento interpessoal se aprofunde e, ainda, por meio de tais espirais, dá-se o tempo e espaço para apreensão cognitiva/emocional das novas situações vividas por todo o grupo – práticos e pesquisadores. (Franco, 2005)



Figura 37: Postagem referente à aula “Reunião”

Já estávamos no meio do caminho. As notas do G1 foram lançadas. Era uma turma de autores. Entretanto, a maioria ainda não sabia andar com as próprias pernas. Acho normal: na idade deles eu também tropeçava. Talvez enganasse melhor que eles. O que mais me preocupava era a previsibilidade de muitos: eram absolutamente teleguiados pela mídia e repetiam informações sem noção do que estavam dizendo. Dava a sensação de que viviam repetindo velhas vidas que aparentemente já deram certo e não incomodam ninguém. Vidas clichês. Haja exercício de autoria para aquecer as idéias.

Estou aqui para isso mesmo. Afinal, sou professor de bagunça. Ensino o delírio do verbo e as delícias de ser autor e senhor de sua história. E adoro surpreender meus alunos. Enviei para o correio eletrônico do grupo a seguinte mensagem:

CONVOCAÇÃO PARA AULA REUNIÃO

De: Luiz
Favilla <professor.texto@yahoo.com.br>

Exibir contato

Para: puc-com <puc-com@yahoogrupos.com.br>

AULA/ REUNIÃO :

HORÁRIO: 13/15/17h15m

LOCAL: SALA 114 K

Pessoas:

Mudança de planos.

Segunda-feira, dia 27 de abril , teremos uma aula / reunião.

Sua presença no horário agendado é muito importante.

Pauta de assuntos que serão discutidos:

- leitura e avaliação do primeiro tempo de nossa jornada.
- leitura e avaliação dos critérios de julgamento para as notas do G1.
- reunião, uma caixa de surpresas.
- planejamento estratégico para o segundo tempo do semestre.

A reunião começará rigorosamente no horário acima.

Quem se atrasar perderá pontos na avaliação final do G1.

As faltas serão consideradas graves. Muito graves.

Venham sem medo.

Bom descanso para todos.

www.professortexto.blogspot.com

Cuide-se. Sempre. Muito.

Apreensão geral. Montei um verdadeiro cenário para recebê-los. Formatei um círculo com as carteiras de modo que todos pudessem se ver, como se fosse uma reunião profissional de verdade. Quem chegou atrasado levou bronca pública. A maioria dos alunos nunca havia participado de uma reunião profissional. Conte algumas experiências vividas em reuniões ao longo de quase quarenta anos como redator, produtor e diretor de criação.

Em seguida, avisei que tinha escrito uma carta-aberta para a turma e que apreciaria a atenção de todos. Comecei a ler a seguinte mensagem;

Sentimento de pai orgulhoso vendo os filhotes mostrar seus primeiros voos. Sentimento de pai decepcionado vendo os filhotes ainda ciscando no chão. Todo meio de semestre é assim. Acaba a Lua de Mel entre professores e alunos assim que as avaliações do G1 são publicadas. O ser humano passa a vida toda atrás de aprovação. E quando as expectativas não são correspondidas, haja chororô. A culpa pelo fracasso? Nunca é de cada um. Sempre é dos outros, do tempo, do trânsito, do chefe, do professor, dos pais, ou da obra no vizinho ao lado. Lembrei de Dona Branca, minha primeira professora. Ela dizia que temos dois papéis na vida: o de vítima e o de protagonista. A escolha é nossa. Tudo a ver. A vida me tornou exigente, reconheço. Faço o que gosto, ofereço o melhor de mim e quando vejo vocês se superando fico realizado. Emocionado pro bem. Mas quando, da mesma forma, percebo que vocês não estão lendo o mundo, continuam estanques, enquadrados, esperando a comidinha na boca, mastigada, aí fico infeliz. Emocionado pro mau. Alguns estão perdendo oportunidades na esperança de continuar a receber o peixe caído do céu. Vão atrofiar suas capacidades, suas inteligências e seus potenciais criativos. Só repetirão o que decorarem da vida. Serão ecos surdos, mudos e cegos. Sem opinião vão se transformar em papagaios de salão. Alguns, repito. Aliás, muito poucos nesse semestre. Amém. Lembrei de Alex Periscinoto (1996): “Mais vale o que se aprende que o que te ensinam.” Ele tem razão. Professor não ensina nada. Só aponta os caminhos. Já que estamos, vamos. Em frente sempre.

O estado de atenção ficou absoluto. Havíamos construído uma relação de confiança e cooperação mútua durante o primeiro bimestre. O clima era de camaradagem, mas sempre cobrei foco e comprometimento de todos. E o primeiro acerto de contas estava na mesa. Minha avaliação já estava lançada. Cada um sabia sua nota antes da reunião. E a minha nota? Qual seria? Para espanto de todos pedi que cada aluno fizesse uma avaliação pública do curso até aquele momento. Estávamos no meio da jornada e quis saber a opinião deles sobre os métodos e critérios adotados durante o processo. E, principalmente, quais as habilidades e competências haviam desenvolvido durante o bimestre. Nossa pesquisa-ação estava a transformar o curso conforme o projeto inicial?

Creio que o curso tirou nota nove, na média geral. O que me deixou muito feliz. Segundo eles, ganhei muitos pontos por ser um professor “antenado com a tecnologia, parceiro, flexível e criativo”, segundo suas próprias palavras. Mas perdi alguns pontos pela obrigatoriedade de fazê-los comentar no *professortexto.blog* duas vezes por semana e por ainda não usar *twitter* para falar com eles. “Imeio é muito chato, tem que abrir a caixa, é lento.” Achei interessantes os comentários. Principalmente porque descobri que já precisava de um *update* se quisesse manter minha sala de aula interativa:

O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor (...) O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos. (Marco Silva - Sala de Aula Interativa, 2004)

Para finalizar a “Aula-reunião”, expliquei mais uma vez que o curso foi dividido em duas partes: na primeira, chamada de Projetos Interiores, o programa contemplou a leitura do mundo, o marketing pessoal, o discurso próprio e a fala pública. E estava a se encerrar naquele momento. A partir do próximo encontro, iniciaremos os Projetos Exteriores, a segunda parte do curso. Nesta etapa, seriam formados grupos de trabalho de, no máximo, três pessoas. A missão seria o desenvolvimento de projetos de Comunicação Social – Ideias positivas para um mundo melhor.

Grifo dos comentários:

R Disse:

Ainda bem que não vivemos mais no tempo que as salas de aulas eram temidas pelos alunos, onde professores autoritários não faziam questão de ouvir as opiniões dos alunos sobre as matérias, por exemplo. Até porque os professores achavam desrespeitoso o fato dos alunos expressarem opiniões que fossem contrárias às do mestre. A troca de informações é muito importante para o aprendizado.

AT Disse:

Esse texto é a cara do nosso projeto de COM mesmo! Você tem nos mostrado uma nova relação entre o professor e o aluno, onde existe uma troca de conhecimentos, não é somente o aluno que aprende com o professor. Tenho certeza que convivendo com cada aluno e com a história de vida de cada um o professor aprimora seu conhecimento e afina seu olhar. =)

LS Disse:

O professor é um exemplo a ser visto como alavanca à novas possibilidades. Ajuda a abrir nossas cabeças e nos impulsiona a criar a partir do que nos foi passado. Assim como é feito na publicidade. Pesquisa-se sobre determinado assunto, procurando ver o que já foi feito, visando criar saídas para os problemas, campanhas. O professor é uma fonte de inspiração.

MM Disse:

Concordo por completo com o texto e mais ainda com os que dizem que ele é a cara da nossa aula! Esse "território a explorar", criado pelo professor, convida o aluno a pensar e não apenas reproduzir. Mas a liberdade de participação, fundamental para a criatividade, é, muitas vezes, criticada por aqueles que buscam os limites das regras para obter informações e acabam por esquecer que os tempos mudaram e o modo de ensinar, assim como a maneira de aprender, deve mudar também. É preciso ousar, mas para que dê certo, temos que, primeiro, acreditar no que fazemos. E que sorte a nossa de ter um professor que nos ensina as duas coisas!

AA Disse:

Na maneira de educar proposta por você, professor, e comentada nesse texto, vemos a renovação do sentido da palavra educador. O professor não é mais aquele que está numa posição superior a dos alunos em sala de aula, não é mais um ditador, um pronunciador de verdades incontestáveis. O professor é aquele que chega para trocar idéias, agregar valor e crescer também. Uma igualdade de raciocínios regida pela cabeça daquele que é incontestavelmente mais experiente.

Professor texto disse:

Pessoas: também amo vocês, mas não fui eu quem inventou nada. Também sou um estudante, lembram? E a sala de aula é um dos olhares de minha pesquisa. Muitos autores já publicaram sobre o assunto. Aprendo com eles e com vocês novas pontes de comunicação. Juntos, estamos tecendo a nossa história. E ela está dando gosto ler.
=)

3.2. Terceira ficha-resumo

O Educador que assume a postura de um investigador atento aos demais sujeitos do meio social partilhado e construído em conjunto (bakhtiniana concepção) propõe-se repensar o trabalho permanentemente numa perspectiva crítica, recriando-o a partir das contínuas mudanças e da avaliação intersubjetiva das experiências e dos conhecimentos produzidos. (Ramal, 2001)

O tripé foi montado: Comunicação, Design e Educação interligados pelas NTDICs. Durante esta primeira parte do curso, procurei desenvolver habilidades e competências através de exercícios lúdicos e criativos descritos nesse capítulo, que motivaram os aprendizes a pensar com os dois lados do cérebro.

O esquerdo é analítico e ocupa-se com a razão, com a estrutura, com a modularização das informações. É com esse lado que a gente aprende a ler e escrever, a formar palavras, a atribuir significados aos números, a encadear seqüências lógicas, a analisar criticamente um problema. O lado direito ocupa-se da síntese e trata da emoção, do subjetivo, do contextual. Esse é o lado que reconhece um rosto (sem se preocupar com as partes), que interpreta e entende piadas e frases de duplo sentido, que sintetiza informações, que conecta, que cria e inova. O lado esquerdo é sequencial. O direito, simultâneo. Todo mundo precisa dos dois para viver (e sobreviver), mas o lado direito andou meio esquecido e desvalorizado por uns tempos. Agora ele volta a ser lembrado e vitaminado para contribuir mais. A excelência se produz quando os dois lados superpoderosos viram amigos e transpõem a barreira que os separa. Nenhum é mais importante que o outro. Mas para quem desenvolveu muito só um lado, convém dar uma atenção agora para o outro também, senão não vai conseguir se adaptar aos novos tempos. (Daniel Pink, A revolução do lado direito do cérebro)

O meu objetivo foi relacionar a aprendizagem às experiências pessoais e às vivências dos alunos. Segundo Moraes (1997 apud Ribeiro, 2002), a revolução cognitiva constata a existência de diversos tipos de mentes e, conseqüentemente, de diferentes formas de aprender, recordar, solucionar problemas, compreender e pensar.

A compreensão de que nem todas as pessoas têm interesses e habilidades iguais, nem todas aprendem da mesma maneira e que é impossível aprender tudo o que existe no mundo, nos leva a fazer escolhas. E para escolhermos a opção que mais se adéque a nós e a sociedade precisamos estar conscientes e bem informados. (Ribeiro, 2002:145)

No início do curso percebi que muitos alunos frequentavam as mesmas aulas, mas não se conheciam nem pelo nome. Ao promover as dinâmicas de sala de aula presencial e as postagens obrigatórias no *professortexto.blog*, incentivei a integração presencial e virtual entre eles. Os exercícios permitiam criar ambientes descontraídos que tornavam a sala de aula interativa (Silva, 2001) As postagens mais articuladas eram trazidas para discussão em classe. Chamava esse momento de “Comentário de Ouro”. Além do elogio público, o autor tinha o seu nome marcado como palavra-chave da postagem. Assim, em qualquer pesquisa sobre o nome do aluno ele seria relacionado como co-autor da referida postagem, agregando valor ao estudante.

Conforme já relatei, o curso foi dividido em dois momentos: projetos interiores e projetos exteriores. No primeiro, o programa contemplou a leitura do mundo, a construção do discurso próprio, o marketing pessoal, a escrita

persuasiva e a fala pública. No segundo momento, os alunos formaram grupos de trabalho de, no máximo, três integrantes para desenvolverem projetos de Comunicação Social. As pesquisas e identificações de oportunidades de projetos fizeram parte do processo permitindo a livre escolha dos temas, desde que fossem relevantes para suas vidas profissionais.

No capítulo seguinte, apresentarei os processos de pensamentos que levaram à criação dos projetos de Comunicação Social. (Miller, 1998)